

Jornal de Letras

Opiniões
Depoimentos
Novos Lançamentos
Entrevista
Literatura Infantil

Número: **291**

Mês: Maio
Ano: 2023
Preço: R\$ 5,00



ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Millôr Fernandes: um século de genialidade

Desenhista, tradutor, jornalista, roteirista de cinema e dramaturgo, Millôr foi um raro artista que obteve grande sucesso, de crítica e público, em todas as áreas em que atuou. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Millôr Fernandes foi um intenso trabalhador cultural. Além da colaboração constante na revista *O Cruzeiro*, fazia traduções de livros e escrevia em jornais, como *O Pasquim*, onde era figura notável. Deixou uma grande produção, que hoje consta do acervo de publicações nacionais. É com muita satisfação e quase como dever intelectual que hoje lembramos da sua memória, cumprindo o que representa na verdade uma obrigação do JORNAL DE LETRAS, nos seus muitos anos de existência. Deus permita que continuemos a cumprir o nosso destino, com o carinho e competência de sempre.

O Editor.



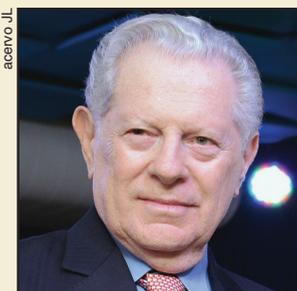
O poeta Felipe Fortuna brilhou na conferência Traduzir Shakespeare, dando continuidade às atividades culturais com o 2º Ciclo de conferências do ano, "Traduzir", que conta com a coordenação do acadêmico Antônio Torres. Com entrada franca, realizadas sempre às terças-feiras, às 16h, a coordenação-geral dos Ciclos de Conferências é do acadêmico Antonio Carlos Secchin.

Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier
Editora-adjunta: Beth Almeida
Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman
Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com
Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).
Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.
Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114
Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Uma tragédia silenciosa

A evasão escolar, no Brasil, representa o que chamamos de uma verdadeira tragédia silenciosa. De cada 10 jovens brasileiros, apenas seis concluem o ensino médio. Por essas e outras, pode-se entender a atual mexida promovida pelo Ministério da Educação, procurando um caminho sobretudo de simplificação dos procedimentos ligados ao ensino médio. Vai dar certo? Só o tempo dirá.

O que se sabe é que a atual situação representa a perda de 135 bilhões de reais por ano. Um estudo da Firjan Sesi, intitulado "Combate à evasão no ensino médio – Desafios e oportunidades" – mostra que são graves as consequências dessa situação. Os que não concluem essa etapa da educação têm remuneração em média 25% menor e, por incrível que pareça, uma expectativa de vida de três anos a menos.

A falta de qualificação adequada provoca o fenômeno de abandono da escola por parte de 500 mil jovens maiores de 16 anos, o que representa um enorme desperdício nas nossas potencialidades. Estamos convencidos de que é preciso reagir a essa realidade, agravada por fenômeno como a repetência, a distorção entre idade e série e a falta de engajamento escolar.

Temos insistido na tese de que há uma forte consequência do baixo rendimento dos professores. Nossos cursos de formação de docentes e especialistas deixam muito a desejar e não há uma reação à altura. Isso exige providências urgentes e não somente palavrório, como se nota hoje em dia.

Para o presidente da Firjan, Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, "a evasão é uma âncora que prende esses jovens num ambiente de pobreza, o que exige providências imediatas". A Firjan está elaborando cinco cadernos com questões sobre o que fazer e, generosamente, eles serão levados a gestores de todo o país.

Para os descrentes, devemos citar o que ocorre no Estado de Pernambuco, com as Escolas de Referência de Ensino Médio (Erem), já hoje em regime de tempo integral. Os resultados têm sido bastante satisfatórios e representam a comprovação de que é possível modificar esse quadro de carências. Basta a vontade política, claramente ausente nos últimos anos de gestão escolar.

"O principal objetivo da educação é criar pessoas capazes de fazer coisas novas e não simplesmente repetir o que outras gerações fizeram."

Jean Piaget

"Somos condicionados pela propaganda para desejar o supérfluo, para atender necessidades inventadas, antes de haver atendido às nossas reais necessidades."

Anísio Teixeira

A Deus, Elizabeth

Por Gabriel Chalita*

Não conheço os três filhos nem os quatro netos. Gostaria de conhecer. Gostaria de abraçar, abraçando tantas famílias enlutadas pelas despedidas de seus amados em cenários de violência. Uma escola jamais poderia ser um cenário de violência. E foi. E justamente uma escola, Thomazia Montoro, que leva o nome da mãe de Franco Montoro, o governador dos gestos concretos de respeito e afeto aos professores.

O dia de Elizabeth amanheceu. Aposentada do Instituto Adolf Lutz, depois de dedicar décadas de sua vida à ciência, passou em concurso para ser professora, aos 60 anos de idade. O sorriso, compartilhado com os colegas de trabalho, agora era de direito de seus alunos.

As mensagens de incentivo em suas redes sociais, as respostas aos agradecimentos, os depoimentos dos que a conheceram, apresentaram a mulher que, aos 71 anos, amanhecia para fazer amanhecer os dias de seus alunos.

Gostava ela de samba. Gostava ela da alegria de cuidar. Gostava ela da vida. Os relatos de violência nas escolas dão prova de que estamos errando na construção dos currículos e no discernimento do que é essencial para formar as pessoas para conviver com outras pessoas. Conviver e respeitar. Conviver e amar.

As escolas são fotografias da sociedade. Famílias que deveriam ser semeadoras de amor oferecem agressão ou abandono. A rua, também. E, também, as ruas construídas virtualmente em que os ódios parecem invencíveis.

Onde foi que erramos? Onde foi que o projeto de humanidade desceu escada abaixo deixando para trás os valores mais bonitos que asseguram felicidade? O amor tem vários filhos, como a ética, o respeito, a compaixão, a fraternidade. Estão todos em prateleiras empoeiradas pelo desuso.

O que leva um adolescente de 13 anos a abraçar o que rouba os abraços, a empunhar o que é capaz de desempunhar a vida, a se armar de armaduras ferinas contra a história de outros e a sua própria história? Ele não é o único. Tristemente, a violência oferece a sua face cotidianamente. Onde está a face da paz?

Elizabeth não entardeceu no dia em que amanheceu. Foi antes. Foi sem despedidas. Foi, despedida pelos erros acumulados de uma sociedade incapaz de formar os seus filhos para serem filhos do viver correto.

Políticas de segurança pública são essenciais, mas não são as solucionadoras dos problemas em suas nascentes. Sou dos que acreditam que nascemos limpos, como água que, miraculosamente, brota e faz fonte. Os acúmulos de sujeiras poluem as águas. Sujamos os nossos filhos desde os inícios. Com o desamor. Com o abandono. Com os exemplos incorretos. Com a injustiça que, desde cedo, traça uma régua separadora dos que terão e dos que não terão oportunidades.

Elizabeth defendia a ciência e a docência. A ciência nos leva a observar os países que venceram as chagas da violência. O que fizeram? E a docência a compreender que, se não cuidarmos melhor dos nossos professores, dos meus irmãos de ofício, teremos novas vítimas de um perverso sistema que nos mobiliza em tragédia e que, depois, nos mói na capacidade de ação.

Queria ter conhecido Elizabeth. Fiquei olhando o seu sorriso e imaginando os sorrisos que ela foi capaz de fazer nascer em sua vida. Sou dos que acreditam que não terminamos aqui. Sou dos que sentem Deus nos cotidianos belos que enfeitam os dias e nas tristezas que nos despedem a alegria.

E, como professor, como professor da fé, inclusive nos filhos de Deus, sei que Elizabeth prossegue sorrindo, nos mistérios que não somos capazes de compreender.

Aos filhos, netos e amigos de Elizabeth, o conforto está em dialogar o choro da saudade com a gratidão de uma presença que presenteou o mundo com uma vida dedicada ao amor.

*Gabriel Chalita é membro da Academia Paulista de Letras.

O espelho bisotado: um diálogo de textos

Por Raquel Naveira

O contista, romancista, jornalista brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras, que possui uma vasta produção literária e com quem sempre estou em contato, Ignácio de Loyola Brandão, recebeu nossa crônica *Penteadeira*, que começa assim:

“Restaurou a antiga penteadeira, com o espelho de cristal bisotado e a banqueta de couro, que ficava no quarto dela, a sua mãe. Muitas vezes a filha a viu frente ao espelho, que lhe parecia baço, coberto de pó. A mãe abria potes de cremes, passava unguentos, o rosto lambuzado de grumos. Que esperava encontrar naquelas geleias? Juventude eterna? Mucos verdes escorriam em sua pele. Havia frascos de perfume, meio abertos, violentos, exalando odores fortes em estranha alquimia. Quando o sol batia na penteadeira, quase na hora do crepúsculo, o torpor morno aquecia as essências e a filha tinha vontade de chorar. A mãe fenecia tristemente. Algo acontecera no passado dela que a tornara tão vulnerável. Não conseguia envelhecer com graça e se satisfazer com o florescimento da filha, ao contrário, corroía-se de ciúme e inveja.”

Qual não foi minha surpresa, quando Ignácio publicou a seguinte crônica no jornal *O Estado de São Paulo*, do dia 12 de março, que me foi enviado pelo professor Luiz Gonzaga Bertelli:

O ESPELHO BISEAUTÊ

Ignácio de Loyola Brandão*

“Para Paulo Caruso, amigo de uma vida.

Abri o e-mail de Raquel Naveira, escritora mato-grossense, e veio uma poética crônica. Ela, assim que publica na sua terra, envia aos amigos. Fui atraído pela frase: ‘Restaurou a antiga penteadeira, com o espelho de cristal bisotado e a banqueta de couro, que ficava no quarto dela, a sua mãe.’ Bisotado. Há quanto, quanto tempo não lia, sentia, esta palavra?

Vi dona Maria do Rosário, diante da penteadeira – também se dizia *psyché* – com espelho bisotado, às vezes chamado de bisotê. Depois, Fanny Marracini ensinaria que em francês é *biseauté*. O que significava? Por mais que olhasse para o espelho, não entendia, só via mamãe feliz. Papai me dizia, ‘não sei o que é, mas sua mãe quando se senta na penteadeira, fica tão bonita’. Seria o *biseauté*? Mas o que era aquilo?

Perguntava, não respondiam. Desconfiei que não soubessem, ou fosse coisa que criança não podia saber. Quantas vezes eu entrava na sala, todos murmuravam ‘tem criança’ e se calavam.

Custava me explicarem o que era *biseauté*? Ou bisotado? Essa coisa que fazia mamãe bonita, feliz quando saía para o cinema, para a reza na matriz, para uma festa? Mal ela saía, eu ia para o quarto e ficava a olhar para o espelho, para meu rosto, a fim de saber se eu estava mudado, era mais bonito. Não, não estava, era feio. Esquisito, me condenavam.

Um dia, percebi que, na margem do espelho, havia uma pequena região diferente. Um mínimo rebaixo. Chanfrado, disse vovô Vital. Quando me olhei nele, me vi bonito. Somente naquela moldura. Assim descobri o que era *biseauté*. Beleza. Cada vez que entrava no quarto, me olhava naquele estreito território, onde eu era bonito. Seria o mesmo com mamãe?

Um dia, vi mamãe pentear o cabelo, passar ruge, apanhar uma bola de vidro com quatro letras, Coty, passar o perfume, meu pai entrou: ‘Você está mais linda do que nunca!’. Seria também aquele perfume?

Um dia, dia mais horrível, a funcionária que ajudava na faxina deixou cair o cabo do escovão que dava brilho no assoalho, e o espelho partiu-se em mil. A dor de mamãe. ‘Meu espelho, me fazia tão linda.’ Ajudei a pegar os cacos, encontrei pedaços do bisotado. E se eu guardasse um pedacinho dele, poderia mudar minha cara quando estivesse sozinho? Mudando a cara, as meninas da classe sorririam para mim, afilhado dono do bar me daria um naco do lanche dela, tão apetitoso. Um dia, a professora leu minha redação, chamava-se composição, e disse: ‘Nota cem. A melhor redação do ano. Quero que todo mundo leia para saber como se faz.’ Tirei meu espelho do bolso, olhei, ouvi: ‘Você é o menino mais bonito da classe’, dito pela Neuce, irmã da professora Lourdes.”

*Ignácio de Loyola Brandão é jornalista e escritor, autor de *Zero e Não Verás País Nenhum*. *O Estado de S. Paulo*, 12/03/2023.

● A ACADÊMICA Ana Maria Melo Negrão, da Academia Campinense de Letras, lançou *No Azul das Hortênsias* (Ed. Pontes), livro de memórias onde viaja pelo próprio passado, enriquecendo o presente de quem lê.

● *CHUVA DE PAPEL* (Companhia das Letras) é o novo romance de Martha Batalha, autora de *A Vida Invisível de Eurídice Gusmão*.

● ESTÃO ABERTAS até o dia 10 de junho as inscrições para o “Prêmio Carolina Maria de Jesus de Literatura Produzida por Mulheres”. A iniciativa do Ministério da Cultura (MinC) vai agraciar 40 obras inéditas escritas por mulheres com um valor total de R\$ 2 milhões, sendo R\$ 50 mil para cada escritora.

● Em *Herança* (Maralto), do autor mineiro Jacques Fux, os traumas do holocausto são lembrados e ressignificados por meio dos relatos de três gerações de mulheres.

● A EDITORA BRASILIARIS – fundada por Tomaz Adoure Rodrigo Aguirre – pretende concluir o primeiro semestre com o lançamento de 300 clássicos e, até o fim do ano, fechar com 500 obras lançadas.

● DOUTOR EM psicologia clínica, professor associado da UERJ e da PUC, Sócrates Nolasco aborda as transformações do amor ao longo do tempo em *Amarás* (Ed. Lisbon).

● *ESTADO DE TERROR* (Ed. Arqueiro), de Hillary Clinton e Louise Penny (com tradução de Ivanir Calado), trata de temas como terrorismo, corrupção e diplomacia.

● NO ROMANCE *Emma* (Ed. Autofágica), Jane Austen mira seu olhar afiado sobre os costumes ingleses para tecer uma história de desencontros amorosos e crítica social.

● UM DOS principais nomes da literatura contemporânea francesa, Patrick

Modiano, prêmio Nobel de Literatura de 2014, é o autor de *Um Circo Passa*, inédito no Brasil, lançado pela Ed. Carambaia.

● O ESPANHOL Manuel Vilas mergulhou na origem da própria família, oferecendo várias camadas de leitura no recém-lançado *Em Tudo Havia Beleza* (Ed. Tusquets).

● AUTOR DE diversas obras de filosofia e sociologia, Edgar Morin, aos 101 anos, continua atento à história da humanidade. Em *Despertemos!* (Ed. Bertrand Brasil) reitera a urgência de esperar o inesperado.

● A PARTIR dos álbuns de família de Freud, Luiz Eduardo Prado (com a colaboração de Marta Raquel Colabone), analisa cartas, fotos e documentos inéditos em *Anos Loucos* (Ed. Autêntica).

● EM *A Rosa e o Poeta do Morro* (Ed. Pallas), Janaína de Figueiredo recria com delicadeza o ambiente da canção *As rosas não falam*, do mestre Cartola.

● COLETÂNEA com textos de não ficção da canadense Margaret Atwood, *Alvos em Movimento* (Ed. Rocco) mostra nomes que influenciaram uma das mais desconcertantes obras da literatura atual.

● As mulheres do meu pai (Ed. Tusquets), nova edição do sétimo romance do angolano José Eduardo Agualusa, gira em torno do vigor das mulheres, da música e da magia.

● *A ECONOMIA FEMINISTA* (Bazar do Tempo), de Hélène Pérvier, refuta a aparente neutralidade de ideias e análises da economia.

● ÚLTIMA OBRA publicada em vida por Joan Didion, *Vou te Dizer o que Penso* (Ed. Harper Collins) reúne 12 ensaios tratando dos mais diversos temas sobre os quais ela se debruçou durante a carreira: jornalis-

TORRE DE BABEL – TODOS FALAM A MESMA LÍNGUA



mo, política, as cenas californianas e a própria insegurança.

● EM REPORTAGENS e depoimentos, o jornalista Marcelo Brettas aborda o que seria a aporofobia (aversão a pobres) em *Rua Qualquer, sem Número* (Ed. Koju).

● A PUBLICAÇÃO *Do Arco e Flecha ao Berimbau* (Ed. Pallas Mini), de Rui Rosa, com ilustrações de Camilo Martins, mostra que o arco musical foi o pai de todos os instrumentos de corda.

● COM HUMOR e delicadeza, o dramaturgo Gustavo Pinheiro aborda as chances de empatia a partir da lacuna geracional entre duas mulheres, em *A lista* (Ed. Cobogó).

● A psicóloga Nika Vázquez Seguí explica as diferenças entre estar sozinho e estar solitário em *Solosofia*, lançado pela Editora BestSeller, com tradução de Luís Carlos Cabral.

● *APRENDIZADO SEM LIMITES* (Ed. Gente), de Pedro Ernesto Miranda, ensina como vencer a falta de rotina nos estudos, apontando um método de estudo compatível para cada pessoa.

● BASEADO EM relatos reais, *Tibúrcio* (Ed. Girassol), de Marina Gonzalez com ilustrações de Veridiana Scarpelli, trata da educação financeira, abordando

temas como dinheiro, valores e relacionamentos.

● COM PROSA precisa, tendo como pano de fundo um esquema de venda de bebês, *Como se Fosse um Monstro* (Ed. Companhia das Letras) é o segundo romance de Fabiane Guimarães.

● O REPÓRTER Max Fisher dissection o funcionamento das empresas de tecnologia em *A Máquina do Caos* (Ed. Todavia), fazendo um alerta para repensarmos a nossa relação com as redes.

● PRISCILA GONTIJO, autora dos romances *Peixe Cego* (finalista do Prêmio São Paulo de Literatura em 2017) e *O Som dos Anéis de Saturno* (semifinalista do Prêmio Oceanos em 2021), lança seu primeiro livro de contos, *Animais Submersos*, pela Ed. Quelônio.

● A VIDA DA mulher que deixou uma marca profunda na história é explorada na obra *Joana D'arc*, de Katherine J. Chen, com tradução de Flávia Souto Maior para a Ed. Minotauro.

● Carolina Costa Cavalcanti, doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP) lançou *Aprendizagem Socioemocional com metodologias ativas – Um guia para educadores* (Saraiva Uni).

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

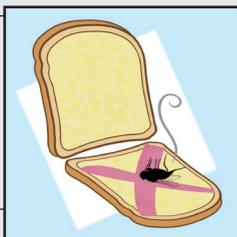
Você precisa saber

Os participantes do encontro vieram dos mais diferentes locais. Observe: nomes de lugar (topônimos) que devem ser escritos com hífen:

Iniciados por **verbo** – **Passa**-Quatro; iniciados com os adjetivos **grão** e **grã** – **Grã**-Bretanha, **Grão**-Pará; com os nomes **ligados por artigo** – Baía-de-Todos-**os**-Santos, Trás-**os**-Montes. Atenção: nos demais lugares **não se usa o hífen** – América do Sul, Feira de Santana, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Rio Grande do Sul, Belo Horizonte, Mato Grosso do Sul, América do Norte etc.

O x da questão

“Lorena pediu um mixto quente, que chegou frio.”
Nem poderia estar agradável. Usa-se **s** e não **x** depois de **i** e **u**, em final de sílaba que não seja final de palavra: **mis-to**. Frase correta: “Lorena pediu um **misto** quente, que chegou frio.”



Visitantes internacionais

“Um grupo luso britânico se reuniu para conhecer os pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.”

São muito bem-vindos, mas é preciso grafar corretamente: **luso-britânico**. As palavras compostas nas quais o primeiro elemento é reduzido (luso) usa-se o hífen. Período correto: “Um grupo **luso-britânico** se reuniu para conhecer os pontos turísticos da cidade do Rio de Janeiro.”

Local privilegiado

“O espaço recém concluído para o encontro religioso ficou muito bonito.”
É verdade, mas a forma “recém concluído” está incompleta, pois falta o hífen: **recém-construído** – os nomes compostos cujo primeiro termo é **recém**, exigem o hífen. Frase correta: “O espaço **recém-concluído** para o encontro religioso ficou muito bonito.”

Acolhimento

“As famílias que se dispuseram a receber peregrinos em suas casas

fizeram tudo para o bem estar de seus hóspedes.”

Claro que sim, mas o advérbio **bem** deve ser seguido por hífen, em inúmeras palavras, como: **bem-estar**, bem-conformado, bem-ditoso, bem-vindo etc. Já o advérbio **mal** só admite o hífen, quando o segundo elemento começa com **vogal, h** ou **l**. Citamos: mal-acostumado / mal-humorado / mal-limpo / malfadado etc.

Período correto: “As famílias que se dispuseram a receber peregrinos em suas casas fizeram tudo para o **bem-estar** de seus hóspedes.”

Curiosidade

Hagiônimo é a designação dada aos nomes sagrados, sendo facultativo o uso de letras maiúsculas. Exemplo: muitos católicos são devotos de Santo (ou santo) Antônio, de São (ou são) Judas Tadeu, entre outros, mas todos acreditamos em Deus.



Bulliyng?

“O jovem ficava muito triste quando os colegas da excursão diziam que ele era um João ninguém.”

De fato, uma situação muito desagradável e ainda errada. Quando um nome próprio se torna um substantivo comum, deve ser escrito com letra minúscula, como qualquer outro. Nesse caso, ainda há o hífen: um **joão-ninguém**. Período correto: “O jovem ficava muito triste quando os colegas da excursão diziam que ele era um **joão-ninguém**.”

Interesse

“Qualquer pessoa se detem para observar as belezas da cidade que se preparou para receber os visitantes.”

Escrito desse jeito não desperta a vontade esperada. O verbo **deter** é derivado do verbo **ter** e na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo tem acento agudo (oxítona terminada em - **em**): **detém**.

Período correto: “Qualquer pessoa se **detém** para observar as belezas da cidade que se preparou para receber os visitantes.”

Viagem furada

“Rita vai para New York fazer compras para a família.”

Não é errado utilizar a grafia da cidade estadunidense na sua forma original, mas é recomendável que os topônimos de línguas estrangeiras sejam substituídos pela sua tradução na língua portuguesa.

Frase correta: “Rita vai para **Nova Iorque** fazer compras para a família.”

Um Dia Chegarei a Sagres

Por Diego Mendes Sousa*

A literatura de Nélda Piñon (1937-2022) é uma odisséia empreendida com o espírito do tempo. Seu cabedal narrativo possui sagacidade e sensibilidade.

Nélda Piñon arvora as suas metáforas a serviço da aventura vocabular e da feitiçaria verbal, com uma fecundidade estética fascinante.

Um dia chegarei a Sagres (Record, 2020) é um romance refinado e épico. Largo murmúrio da história de Portugal, dos hábitos e dos costumes campesinos e da voragem andarilha e dicotômica da vida. Nélda descreve: “Um convite para um dia abandonar o berço onde nasci, após esgotar as agruras do campo.”

A poética de Nélda Piñon atravessa a fortaleza dos mitos. É um cântico de devoção à língua portuguesa e à força camoniana dos sofrimentos humanos.

Seu estilo preserva uma crueldade aflitiva que encanta e consola. Cruzar as quinhentas páginas de *Um dia chegarei a Sagres* é fazer-se conhecedor de uma herança secular legatária do sangue virulento dos anônimos. Expressa: “E dando trégua à dor, explicou, referindo-se às moedas, que não me ofertava uma herança capaz de livrar-me das adversidades (...).”

A personagem principal, Mateus, que dialoga em primeira pessoa, me entrelaça em sua triste peregrinação, do Minho, no norte de Portugal, fronteira com a Galiza dos espanhóis, até Sagres, no Atlântico, no mar sulino português.

A ficção encontra cenário em um Portugal rural, com inscrição no século XIX. A narração segue os seus atos passados, presentes e futuros, em flutuações não cronológicas e arrebatadoras.

Mateus é um velho que rememora as perturbadoras passagens rústicas da sua biografia exótica e esclarecedora: “Na velhice se sofre uma espécie de degredo.”

Identifico algo renovador, quando Nélda Piñon introduz o pretérito profundo, aquilo que está no inconsciente mais remoto da alma lusa: anterior e alegorizado com a *history* das grandes navegações, da sacração dos animais como deuses, da escravização dos africanos e dos indígenas, da descoberta dos novos



mundos, além oceanos, e das recriações sobre a nobreza portuguesa e as suas fracassadas utopias.

Creio que as revivências de Camões, de Vasco da Gama e do Infante D. Henrique acentuaram as peripécias de Mateus e do seu contínuo lamento de ser um peregrino pobre e gestado no ventre de uma meretriz.

Comovo-me com a relação confidente entre o avô Vicente e o neto Mateus revelada em *Um dia chegarei a Sagres*. O livro traz um testemunho de um afeto invencível, exaltado na memória: “A fortuna é feita de memórias. Vive-se mais do que muitos.”

Com elegância, Nélda Piñon confabula sobre o erotismo, a paixão platônica, a luxúria carnal entre dois homens (Mateus e o Africano), o desespero errante, o pecado sob o véis do Cristianismo, o segredo inviolável, as visões impuras e as suas manifestações mais cruas.

Diz Mateus: “São estes presentimentos que nos abatem ou distinguem a nossa espécie em meio ao matagal da existência?”

Sem esquecer os contornos femininos contraditórios e misteriosos como os de Joana, Matilde, Leocádia e Amélia. Faustosamente filosófica e irônica, Nélda Piñon entrega: “O melhor do meu ofício é o que os homens relatam em tom de segredo. São lamúrias que não repetem em casa. Sem falar que juram por Deus jamais voltar ao lar onde são infelizes. Mas para onde irem?”

Um dia chegarei a Sagres é uma acusação ao revés. É sobretudo um discurso sobre a esperança e de como os sonhos e as ilusões movem o coração dos homens.

De maneira magistral, Nélda Piñon conduz uma personagem pelos seus desvelos e expectativas. Depois de Sagres, restará ainda Lisboa e a espera inacabada, assim como as lágrimas e os silêncios desatados pelo destino.

Em 2021, Nélda Piñon festejou os seus 60 anos de dedicação ao ofício de escrever, cujo marco fundador é a peça Guia-mapa de Gabriel Arcanjo.

Seu périplo é de uma vencedora. *Um dia chegarei a Sagres* é o coroamento de uma carreira humanística luminosa, que merece todas as honras da pátria e o amor de uma nação inteira.

Nélda Piñon soube ser integral e substantiva, e continua a dar esperanças a seu país visceral, com lucidez e quimera. Uma filha de Homero e uma fidedigna sucessora de Machado de Assis.

A obra, *Um dia chegarei a Sagres*, lançada no segundo semestre do ano de 2020, já está em sua quarta edição. Somente uma escriba do porte intelectual e artístico de Nélda Piñon consegue esse feito editorial no Brasil. Trata-se de um Clássico e de uma Mulher inesquecível. “Minha forma era humana, mas o espírito assemelhava-se às vezes a um barco prestes a afundar nas cercanias de Sagres, um destino almejado, quando ali aportasse. Diante das ondas encapeladas, aguardaria o chamado do mar.”

*Diego Mendes Sousa é membro do PEN Clube do Brasil.

Rui, entre o homem e o mito

Por Edmilson Caminha

Desde menino, ouço falar em Rui Barbosa: o brasileiro mais inteligente, baiano genial, o Águia de Haia, que ao chegar à conferência de paz, na Holanda, perguntou em que língua queriam que discursasse, e que, em Londres, pôs na porta da casa um anúncio, “ensina-se inglês”... Histórias que acabam por encobrir a História, processo de mitificação (e de mistificação, também) que, com o tempo, transforma a pessoa em personagem, a vida em lenda, sem que se possa conhecer a dimensão humana de quem deixou de ser gente para virar estátua.

Quando se completam cem anos da morte desse vulto, patrono de academias e louvado em folhetos de cordel, publica-se a segunda edição do livro *A Raiz das Coisas: Rui Barbosa – o Brasil no mundo* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023), de Carlos Henrique Cardim. Professor da Universidade de Brasília, diplomata de carreira – foi embaixador do Brasil na Noruega e na Islândia –, busca o autor, com honesta objetividade, mostrar o importante papel de Rui nas novas relações político-diplomáticas do Brasil com o mundo, ao longo das duas primeiras décadas do século XX:

As contribuições de Rui Barbosa à teoria e à prática da política externa brasileira estão, principalmente, em três temas e momentos: na defesa da igualdade entre os Estados, na segunda conferência de paz de Haia, em 1907; na crítica à noção antiga de neutralidade, numa conferência em Buenos Aires, em 1916; e no debate sobre a Primeira Guerra Mundial e a mudança de posição do Brasil, de 1914 a 1918.

A par dessas ações, defende, em 1919, ao disputar pela segunda vez a presidência da República, projetos que ainda hoje movimentam campanhas pelo Brasil afora:

De forma pioneira, insere em sua plataforma de candidato temas como construção de casas para operários; proteção ao trabalho de menores; limitação das jornadas laborais, em especial do trabalho noturno; igualdade salarial para ambos os sexos; amparo à mãe operária e à gestante; licença-maternidade; indenização por acidentes do trabalho; legalização do trabalho agrícola e seguro previdenciário.

Com uma biblioteca de 35 mil volumes a enobrecer a casa da rua São Clemente, 134, no Rio de Janeiro – sede da fundação que lhe traz o nome, criada em 1930 –, Rui os tinha mais para ornamentar o próprio texto do que para alimentar sua vastíssima cultura, como bem observa Oliveira Vianna, citado por Cardim:

Sem a sua biblioteca, seria, talvez, mais vigorosamente original, mais poderosamente inteligente e criador do que foi. Os livros, propriamente, antes lhe enfeitavam o saber, não lhe davam. É aqui, talvez, que se encontre a razão deste gosto de erudição que era tão característico de Rui e que dava, a muitos, a impressão de que lhe faltava capacidade de criação original, e, a outros, de vaidosa ostentação de saber.

Se perdidos no passado os longos discursos a que não resistia a paciência alheia, Rui parece, às vezes, surpreendentemente atual, como ao criticar o sistema de governo presidencialista, o “mais tirânico e o mais desastroso dos regimes conhecidos: a República presidencial com a onipotência do Congresso; o arbítrio do Poder Executivo, apoiado na irresponsabilidade das maiorias políticas; a situação autocrática em que se coloca, neste sistema, o chefe de Estado”. Problemas para os quais só vê um remédio: “A majestade inviolável da Constituição escrita, interpretada, em última alçada, por uma magistratura independente.”

Quanto a jogar na fogueira os arquivos da escravidão, o ponto de vista lembrado é o de Francisco de Assis Barbosa: “O ato que mandou queimar todos os papéis, livros de matrícula e documentos relativos a escravos, nas repartições do Ministério da Fazenda, teve por finalidade eliminar comprovantes de natureza fiscal que pudessem ser utilizados pelos ex-senhores para pleitear a indenização junto ao governo da República.” Justificativa perfilhada por Cardim: “Essa decisão, até hoje severamente criticada por vários historiadores, salvou a República nascente, ao contribuir para viabilizar, de fato, o Estado brasileiro.”

A nova edição de *A raiz das coisas: Rui Barbosa – o Brasil no mundo* é enriquecida por trechos da correspondência telegráfica entre o Barão do Rio Branco e Rui Barbosa, durante a Segunda Conferência da Paz de Haia, em 1907. Foram 367 telegramas – 194 de Rio Branco, 173 de Rui –, mais de dois por dia, em média, pelos quais os dois homens públicos trocavam ideias e definiam os votos do Estado brasileiro em favor da igualdade das nações, da Corte Permanente de Arbitragem –

estabelecida na Primeira Conferência, em 1899 – e da entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Mensagens, ouvi do autor, que se encontravam cobertas de poeira em um armário do Arquivo Histórico do Itamaraty, no Rio de Janeiro, condenadas a ser destruídas pelo tempo ou por algum funcionário avesso a papéis velhos... Salvos por Cardim, são documentos que atestam a altivez com que a representação brasileira devia atuar naquele fórum internacional, como se lê no telegrama 55, mandado pelo Barão do Rio Branco:

“Vossência deve procurar proceder de modo a que nenhum outro país do nosso ou de outro continente nos preceda nas declarações que a nossa dignidade de nação nos impõe e que apresente logo a proposta substitutiva de acordo com as nossas ideias (...)”

O assunto, às vezes, era menos relevante, como na mensagem em que Rui sugere a dispensa de um assessor estrangeiro que não lhe faria falta:

“Secretário francês considero inteiramente inútil: dele nunca me utilizei. Concordando Vossência poderia determinar Leoni o despedisse substituindo-o por um taquígrafo-datilógrafo que me poderia ser de utilidade.”

Há, é claro, quem não canonize o Águia de Haia. Escrito por R. Magalhães Júnior, *Rui, o Homem e o Mito* (Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964) obrigara-o, segundo declarou, a vinte anos de pesquisa. Em mais de 400 páginas, o biógrafo nega ao brasileiro o pioneirismo da defesa do militar Dreyfus, condenado na França por traição, tacha-o de nepotista e de virar a casaca sobre o monopólio de serviços públicos, quando se tornou advogado da Light. A reação foi intensa: um baiano, mais indignado, propôs se expulsasse o autor da Academia Brasileira de Letras, que tornou pública a sessão em que se discutiu a obra. Quanto ao biografado, não se poupam críticas:

“Vez por outra, falto de assunto, queria brilhar pela forma bombástica, pelo estilo castigado, pela riqueza vocabular, escrevendo bonito, para deslumbrar os leitores, num gasto pródigo de palavras raras (...) Cultivava com garbo o verbalismo, a altissonância, o palanfrório, num jogo de palavras que, muitas vezes, escondia apenas a pobreza geral das ideias.”

Com exemplos do que se publicou em jornais estrangeiros sobre a cúpula internacional de 1907, na Holanda, afirma R. Magalhães Júnior:

“O que transparece de tudo isso é que nem a Conferência de Haia foi um acontecimento de extraordinária transcendência para o mundo nem Rui Barbosa, delegado brilhante e, por vezes, impertinente falastrão, na verdade não recebeu consagrações unânimes e apoteóticas, como aqui se procurou fazer crer, através de uma propaganda tão eficiente quanto exagerada e mistificadora.”

A resposta não se fez esperar: Osvaldo Orico assevera que não levou mais de vinte dias para entregar à editora *Rui, o Mito e o Mico* (Rio de Janeiro: Record, 1965), cujo título, por citar o pequeno macaco, é maldosa e deselegante alusão à pouca beleza do confrade acadêmico, feiura da qual a própria vítima fazia piada. Acusa-o de mamar “o leite gordo da ditadura” nas tetas do DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda do Estado Novo de Vargas, e quer saber:

Que pretendeu o autor de *Rui, o Homem e o Mito*? Se desejava retificar o juízo da história e reformar o conceito da posteridade, teria de trazer para o debate provas irrefutáveis, documentos novos inéditos. Em vez disso, pôs a serviço de uma causa ingrata suas conhecidas habilidades de jornalista e pesquisador, valendo-se de acusações cediças e sovadas que, se não vingaram em vida de Rui, menos vingariam depois do seu desaparecimento, quando o respeito humano exerce biologicamente em nós a obediência àquele conceito de Plínio, o naturalista: “Só os vermes atacam os mortos.”

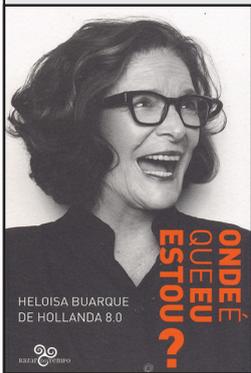
A Osvaldo Orico juntou-se Salomão Jorge, com o seu também panfletário *Um Piolho na Asa da Águia* (São Paulo: Saraiva, 1965). Surpreende não se encontrem, os dois, na extensa e substancial bibliografia de que se valeu Carlos Henrique Cardim para homenagear Rui Barbosa. Afinal, nem sempre de bons textos se faz a história de personalidades que despertam paixões, sobretudo aquelas que se colocam entre o homem e o mito. Não é o caso, evidentemente, de *A raiz das coisas: Rui Barbosa – o Brasil no mundo*, escrito com o rigor e a honestidade intelectual que se esperam de um ensaio digno de leitura. A razão de ser do livro é dada pelo próprio autor, ao citar pesquisas de opinião em que se elege o biografado um dos maiores brasileiros de todos os tempos:

Apesar dessa relevância, pode-se afirmar – sem desprezar contribuições expressivas como as de San Tiago Dantas, Luís Viana Filho e Bolívar Lamounier – que Rui ainda é, parcialmente, conhecido, e que tem sido um personagem mais distorcido, folclorizado, que, propriamente, estudado e analisado. É evidente a atualidade de Rui e a necessidade de se aprofundar o conhecimento sobre seu pensamento e ação, centrados na criação de um Estado republicano brasileiro democrático, progressista e participante ativo do sistema internacional.

J Livros e Autores

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



ONDE É QUE EU ESTOU?

Onde É que Eu Estou? (Bazar do Tempo, 2019) reúne, ao longo de 240 páginas, uma série de textos de Heloisa Buarque de Hollanda, escritos em diferentes momentos de seu percurso intelectual. Neles, Heloisa debate desde a roupa criada para que Rachel de Queiroz – a primeira escritora eleita para a Academia Brasileira de Letras – pudesse participar da cerimônia de posse, passando por uma análise sobre as diferenças e semelhanças entre a literatura e a poesia marginais, os caminhos e des-caminhos da literatura digital.

Apresenta, ainda, suas leituras no campo dos estudos culturais – área na qual é referência como ensaísta, crítica e professora de Teoria da Cultura, função que exerce há cinco décadas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 60 anos de carreira e 80 de vida, Heloisa Buarque de Hollanda já deixou relevantes marcas na cultura brasileira: revelou importantes poetas, discutiu o pensamento feminista de forma pioneira e chamou a atenção para a pulsante produção cultural das periferias.

Sempre atenta ao novo, a escuta talvez seja sua característica mais marcante, o que fica claro na entrevista que abre a publicação, organizada por André Botelho, Cristiane Costa, Eduardo Coelho e Ilana Strozenberg.

VIVA A PRODUÇÃO PRAZEROSA

Em *Viva a Produção Prazerosa – Histórias das colheres de bambu* (Ed. Mandacaru, Alvaro Abreu conta sua rica experiência como fazedor de colheres de bambu, iniciada há quase três décadas, após sofrer um infarto. Na contramão da tendência de digitalização e automação, Alvaro exalta o prazer de produzir com as próprias mãos. O texto relata as transformações de sua casa em ateliê de trabalho e os desdobramentos proporcionados por suas criações. O autor estima que já esculpiu mais de 5 mil colheres, todas sem projeto prévio. Enquanto muitas foram dadas de presente para amigos e conhecidos, outras centenas delas viajaram o Brasil e a Europa em exposições individuais e coletivas.

O livro, escrito em primeira pessoa, é leve, didático e descontraído. Ao longo da bela edição, o leitor se depara com 264 páginas coloridas, ricamente ilustradas com fotografias das colheres, ferramentas, bambus e exposições. Em seu segundo livro de memórias, o capixaba Alvaro Abreu traz, na genética, o talento do tio, o consagrado Rubem Braga. Engenheiro de produção e cronista, compartilha suas ideias e vivências, seus métodos de trabalho e sua paixão pelas ferramentas. A escrita franca e sensível traz a esperança implícita de contribuir para que cada um venha a descobrir sua própria “colher”.

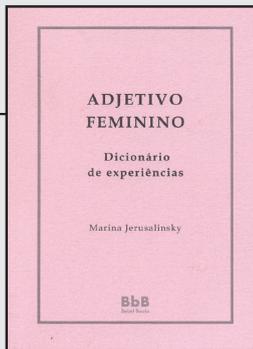


ADJETIVO FEMININO

Adjetivo Feminino (Bebel Books, 2022), com texto e projeto gráfico de Marina Jerusalinsky.

Contou com a participação de mais de quarenta mulheres, que enviaram à artista os adjetivos que as marcaram de algum modo durante a vida, acompanhados por breves relatos sobre os contextos em que lhes foram ditos. Foi a partir dessas palavras e histórias – dessas marcas – que a autora criou os verbetes presentes no livro, acrescentando a eles suas próprias experiências, além de um tanto de pesquisa. O resultado é uma obra criativa e interessante, dividida em três partes – “Ambiente de trabalho”, “Espaços públicos e comerciais” e “Relações pessoais” –, com descrições divertidas de adjetivos como linda, morena, feminista, arrogante, anormal, gorda, braba, estressada, mandona, exibida, fácil, fresca, relaxada, sensível, etc.

Marina Jerusalinsky nasceu em Porto Alegre, em 1990. Desde 2017 mora na capital paulista. É artista e investigadora de palavras; trabalha, principalmente, com ações no espaço urbano, escrita e propostas participativas. Participou da 13ª Bienal de Arte Jovem de Santa Fé (Argentina, 2018), entre diversas exposições coletivas, e realizou sua primeira individual pelo 3º Prêmio IEAVI, na Casa de Cultura Mário Quintana (Porto Alegre), em 2014. Atualmente, cursa doutorado em Estética e História da Arte pela Universidade de São Paulo (USP).



FRACASSO E ACASO

No livro *Fracasso e Acaso – Uma reflexão sobre erros, acertos e o papel do aleatório em*

nossas vidas (Ed. Rocco), o físico Ricardo Horowicz e o psicanalista Luiz Alberto Py falam de um tema que angustia muitas pessoas: o quanto somos responsáveis por nossas derrotas (ou por nossas conquistas). Com uma abordagem científica e bem-humorada, os autores investigam diferentes aspectos de como o fracasso surge e é vivenciado por nós, suas inúmeras causas e facetas.

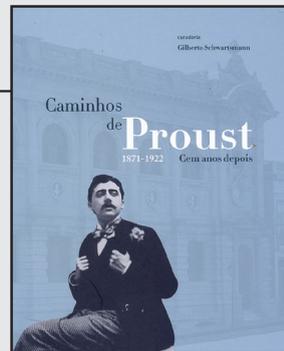
Dividido em 13 capítulos, o texto vai da discussão do livre-arbítrio ao caos determinístico, das lendas gregas a experimentos psicológicos, passando pelo amor, mercado financeiro e teoria dos jogos. Neste percurso, enfatiza a relação de sentimentos como inveja, ressentimento, perdão e outros com aquilo que costumamos chamar de fracasso. Os autores defendem que tendemos a nos atribuir um poder sobre nosso destino baseado em frágeis percepções que uma análise objetiva desconstrói. Ricardo Horowicz é PhD em Física, tendo trabalhado em diferentes laboratórios internacionais e chefiado o grupo de ótica quântica do Instituto de Física da USP. Luiz Alberto Py é formado em Psiquiatria pela UFRJ, especializado em psicanálise. Assinou durante 10 anos a coluna semanal “Mistérios da Alma”, no jornal *O Dia* e é autor de vários livros, entre eles o best-seller *Olhar Acima do Horizonte*.



CAMINHOS DE PROUST

A bela publicação *Caminhos de Proust (1871-1922) – Cem anos depois* concretiza o primo-

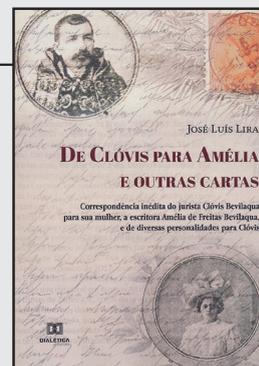
roso projeto curatorial concebido por Gilberto Schwartzmann, assinalando os cem anos da morte de Marcel Proust e a conclusão da primeira etapa da revitalização da Biblioteca Pública do Estado do Rio Grande do Sul. O livro mostra um rico acervo de documentos, fotografias, manuscritos e autógrafos relacionados à vida e obra do grande escritor, em parte pertencentes a Bia e Pedro Corrêa do Lago. Há também edições raras de obras literárias produzidas pelos autores que formaram o Proust leitor. No texto de apresentação, o curador ressalta a sofisticação da literatura proustiana: “Por mais simples que seja a ideia ou sentimento que Proust queira transmitir ou evocar, seu leitor sabe que, quase inevitavelmente, sua frase virá enfeitada pela referência a algum lugar belo, a uma passagem bíblica, a lendas, a mitos, a obras de arte ou mesmo por alguma citação sobre alguma edificação colossal feita pelo homem.” Um dos principais oncolegistas do país, Gilberto Schwartzmann, diretor da Biblioteca Pública Estadual de Porto Alegre, é um notável colecionador literário, autor, entre outras publicações, do livro *A Amante de Proust* e membro da Academia Nacional de Medicina.



DE CLÓVIS PARA AMÉLIA E OUTRAS CARTAS

Em *De Clóvis para Amélia e Outras Cartas* (Ed. Dialética), José Luís Lira reúne correspondências inéditas do jurista Clóvis Bevilacqua (1859 – 1944) à sua então namorada, Amélia de Freitas Bevilacqua (1860 – 1946), entre agosto de 1882 e fevereiro de 1883. As cartas vêm acompanhadas de notas de rodapé que contextualizam o momento vivido e as personalidades citadas, bem como biografias de Clóvis e Amélia. Há esclarecimento sobre a não-participação de Bevilacqua no caso Olga Benário Prestes, entre outras informações inéditas. Nas palavras da processualista Ada Pellegrini Grinover,

da Academia Paulista de Letras, trata-se de “trabalho pioneiro de um jovem que, com perfeita paciência, pesquisou até descobrir um epistolário surpreendente; encantada, em consequência, por descobrir uma faceta até hoje desconhecida da personalidade do maior civilista brasileiro de todos os tempos; e maravilhada, por identificar naquele autor, célebre por suas obras jurídicas, um verdadeiro expoente do Romantismo brasileiro”. José Luís Lira é advogado, mestre, doutor e pós-doutor em Direito. Professor do curso de Direito e diretor adjunto do CCSA, da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Comendador da Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém, membro da Comissão de Cultura e Arte do Conselho Federal da OAB, fundador da Academia Fortalezaense de Letras, entre outras.



Lourenço 23

Por António Valdemar*

O centenário do nascimento de Eduardo Lourenço, cujas comemorações terão início a 23 de maio, vão celebrar, em congressos, seminários e em colóquios, a obra e a intervenção cívica de uma das mais notáveis personalidades da cultura portuguesa. A Biblioteca Nacional de Lisboa tem em preparação uma exposição bio-bibliográfica, que pretende ser a mais exaustiva possível.

Os anos 1920 são uma época de ouro, o tempo em que nasceram, viveram, atuaram e faleceram poetas, escritores, dramaturgos, ensaístas, investigadores científicos e protagonistas políticos que intervieram, decisivamente, nas grandes questões contemporâneas, que se encontram vinculados à projeção da cultura e da sociedade portuguesa à escala nacional e, em algumas circunstâncias, a uma dimensão internacional. Eduardo Lourenço é uma dessas grandes personalidades.

Eduardo Lourenço, nasceu a 23 de Maio de 1923, em São Pedro do Rio Seco, o princípio ou o fim da linha ferroviária da Beira Alta, o espaço de chegada ou de partida do comboio que trazia ou levava notícias e pessoas para a Europa.

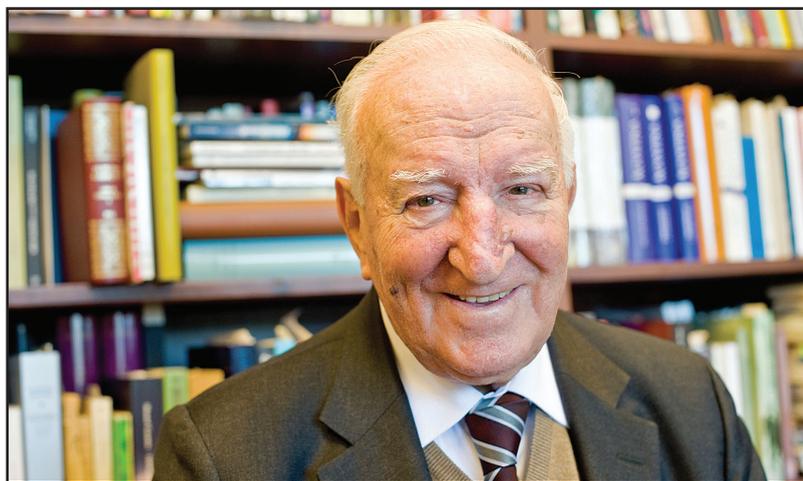
Fez Eduardo Lourenço, os primeiros estudos secundários no liceu da Guarda, na cidade que é ponto mais alto de Portugal. Ele próprio assim a caracteriza, num texto que passou a ser referência obrigatória: *“o nosso mar de terra e de pedra é a meseta contígua, matriz de onde nos separamos, espécie de deserto, de onde durante séculos inquietos (...) esperávamos (...) os nossos próximos castelhanos.” Também Eduardo Lourenço a classifica “a mais portuguesa das fronteiras”, mas “lugar de um diálogo com aqueles que foram os nossos adversários durante séculos”.*

As comemorações do centenário de Eduardo Lourenço – que era sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras e que viveu e lecionou no Brasil – terão início a 23 de Maio em São Pedro do Rio Seco, em Almeida e na Guarda. Vão prosseguir, com congressos, seminários e em colóquios em Coimbra, em Salamanca, em Bolonha, em Lisboa, em Évora e algumas cidades do Brasil. Além de uma exposição em itinerância nacional e internacional em cátedras e redes de leitorados. A Biblioteca Nacional de Lisboa tem em preparação uma exposição bio-bibliográfica, que pretende ser a mais exaustiva possível.

Numa carta a Jorge de Sena, escreveu perentoriamente José Rodrigues Miguéis: *“sofro de uma doença ingênita, hereditária, crônica, incurável que se chama Portugal.”* Há coincidências entre José Rodrigues Miguéis e Eduardo Lourenço, mas também há diferenças e complementaridades entre estes dois exilados políticos. Lourenço e citamos, por exemplo, duas obras: *O Labirinto da Saudade* (1978), questionou problemas muito mais complexos e muito mais profundos. Ao deter-se em *Portugal Como Destino Seguido de Mitologia da Saudade* (1999) sobre o modo como esse destino é miticamente determinado, recorre ao o seu saber (histórico, filosófico, literário), apresenta-nos uma imagem imparcial do ser português, na sua singularidade e universalidade, espelho, onde, observando-se, pode conhecer-se e aceitar-se *“tal como foi e é, apenas um povo entre os povos. Que deu a volta ao mundo para tomar a medida da sua maravilhosa imperfeição”.*

Logo na primeira obra reunida em volume, *Heterodoxias* (1949), Eduardo Lourenço distanciou-se ideologicamente dos seus amigos mais próximos. Sem fazer qualquer concessão política que o manteve sempre vigiado pela polícia política, e também à ortodoxia católica identificada com o regime de Salazar, Eduardo Lourenço rompeu com frontalidade contra a ortodoxia marxista e comunista que dominava entre os intelectuais de esquerda.

Todos os ciclos da criação poética, todos os ensaios filosóficos, todas as interpelações cívicas e todos os textos políticos de Antero de Quental (1842-1891) foram objeto de estudo e interpretação de Eduardo Lourenço, ao longo de mais de cinquenta anos.



Eduardo Lourenço de Faria.

Encontram-se agora reunidos num único volume com o título genérico *Antero, Portugal como Tragédia*.

Para Eduardo Lourenço, Antero é *“a maior referência intelectual portuguesa”* e *“o primeiro português que teve uma consciência trágica do destino humano”*. E justifica que vários ensaístas, para retirar Antero do *“lote dos suicidas anônimos”*, atribuem a procura desesperada da morte a depressões patológicas, a uma peripécia subjetiva ou, ainda, a uma tragédia sentimental, quando se trata do *“ato de uma vida que desejou tocar a face de Deus e não a encontrou”*. A essência do trágico resultado do *“combate a rosto descoberto que destrói uma por uma, com uma espécie de raiva triste, todas as flores da ilusão, todas as esperanças que o nascer do dia oferece à alma humana”*.

Antero – considera Eduardo Lourenço – marcou o início da nossa modernidade, representa *“o seu próprio ato fundador”*. Verificou-se na criação poética – e esta é a primeira leitura literária profunda que se faz a partir das *Odes Modernas* – não apenas ao nível da ideia, das incursões no universo da filosofia; na poesia social, na *“poesia revolucionária do futuro”*, mas ao abrir caminho ao imaginário de Cesário Verde, de Camilo Pessanha e de Fernando Pessoa.

Teve, contudo, maior impacto na afirmação da modernidade o discurso inaugural das Conferências do Casino (1871) *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*. Introduziu uma revolução cultural que *“nem é de natureza literária, nem política, nem mesmo ideológica ou banalmente filosófica, embora se traduza em todos estes planos, mas religiosa”*. Proposta sem precedentes em Portugal *“no círculo da religião, não abstratamente visada, mas concreta, institucional”*, abrangendo todos os valores intocáveis, desde os da Pátria aos da Justiça, desde os da Ordem aos da Família. Estabeleceu, pela primeira vez em público, um separar das águas, *“um ajuste de contas da nossa cultura com ela mesma”*.

Os escritos de Eduardo Lourenço sobre Camões, conferem ao autor de *Os Lusíadas* uma amplitude que ultrapassa todos os outros autores que escreveram em língua portuguesa. Destaca a importância que Camões assumiu como criador da Língua, como expressão de vida e de cultura. Mais do que através de qualquer outro escritor, é através de Camões que Eduardo Lourenço consegue pensar Portugal, essa enigmática *personagem coletiva* que está sempre no centro dos seus interesses e dos seus sentimentos.

Ao abordar alguns aspetos genéricos de algumas obras representativas de Eduardo Lourenço, quando se aproximam as comemorações do centenário do seu nascimento, julgo revestir-se de oportunidade e interesse transcrever uma passagem da última entrevista que concedeu, em 2017, ao jornal *Público*: *“Portugal não é uma ilha, mas vive como se fosse. Talvez por uma determinação de quase autodefesa. O que me admira mais não é a preocupação constante que temos em saber qual é a figura que fazemos no mundo enquanto portugueses. Todos os países terão à sua maneira essa preocupação. É o excesso dessa paixão. É preciso que não estejamos sempre a viver um Ronaldo coletivo, um ‘nós somos o melhor do mundo.’”* Reflete, em muitos aspetos, o que predominou no intelectual e, também, no homem de convívio.

*António Valdemar é jornalista e investigador, da Academia das Ciências de Lisboa e sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras.

Dona Olímpia de Ouro Preto

Por Danilo Gomes*

“Chega um momento em que a vida é distância, e tudo é tarde.”
Abgar Renault, no poema Última Thule

Dona Olímpia – quem diria? – virou tema de escola de samba da Mangueira e brilhou na Avenida Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, em 1990. Na verdade, o fato não foi de todo surpreendente, já que Dona Olímpia era uma figura alegre, carregada de flores e com aquele grande chapéu florido, e senhora de uma boa e animada conversa. Sua presença despertava eflúvios positivos; a grande bengala, em feitiço de cajado peregrino, era toda ornamentada e aquele imenso chapéu, embora muito usado, tinha algo de primaveril e de parque num domingo ensolarado.

Pois eis que a nossa saudosa Dona Olímpia virou “Sinhá Olímpia” e ganhou enredo sob o título de “E deu a louca no barroco”. De fato, o barroco acabou prestado-se a tudo o que é meio confuso, complicado, meio rococó e “embolado”. Mas o barroco é arte séria, sacra e bela, terreno dos mestres escultores mineiros Hélio Petrus e Elias Layon, moradores de Mariana.

E neste ponto da conversa eu me lembro do trecho de abertura, à guisa de epígrafe, desse livro delicioso que é *Pierre-Auguste Renoir, meu Pai*, do cineasta Jean Renoir:

“O Leitor – Não é Renoir que o senhor nos apresenta, é a sua própria concepção de Renoir.

O Autor – Com certeza. A História é um gênero essencialmente subjetivo.”

O diálogo acima vale uma tese de mestrado em História, não lhes parece? Cá eu não me meto nessas altas cavalarias. Só monto burrinho manso, como Sancho Pança. E só transcrevo o trecho para aduzir que assim deve ter sido com a figura de Dona Olímpia tratada na letra, no enredo da Mangueira. Vale dizer: de certa forma, saudável mistura de impressões, concepções, imagens, transfigurações, um jogo de cenários do inconsciente coletivo e outras preciosidades junguianas, sei lá o que digo. E depressa volto ao meu burrico de trote manso.

A Sinhá Olímpia dos sambistas é um quadro da Ouro Preto lírica, de que tratou Afonso Arinos de Melo Franco (há a Ouro Preto grave, tratada pela pena do historiador Diogo de Vasconcelos). Tanta gente escreveu sobre Ouro Preto – até o poeta e cronista Manuel Bandeira lhe dedicou um livro, o utilíssimo *Guia de Ouro Preto*. Naquela cidade nasceu, em 1870, o grande poeta simbolista Alphonsus de Guimaraens, falecido em Mariana em 1921.

Na verdade, a nossa saudosa Dona Olímpia, que as montanhas de Minas não esconderam, era assim como uma espécie de contrafação carnalizada de dama antiga, com suas longas saias anacrônicas, bordão florido e empenachado, vasto chapéu ornamentado de miçangas e penduricalhos, a fumar um eterno cigarro que todos lhe davam com satisfação.

Ela perambulava pela histórica cidade, especialmente na Praça Tiradentes, muito antes de Ouro Preto tornar-se um grande polo turístico. Era como um vulto legendário de outras épocas, a compor o cenário das belas igrejas e dos velhos sobrados e solares do tempo da musa Bárbara Heliodora, da outra musa Marília de Dirceu, do ouvidor Gonzaga, dos heróis da Inconfidência, dos embuçados que à noite recomendavam a fuga dos implicados na conjura infeliz, do tempo do assassinato do poeta Cláudio Manoel na Casa dos Contos... Ele não se suicidou: morreu de “morte matada”, pois era um arquivo vivo da malograda sedição contra o Reino de Portugal.

Dona Olímpia era uma remanescência, como figura humana ímpar, de uma mítica Vila Rica do Pilar em cujas ruas, outrora, “retumbaram hinos” (Raimundo Correia), com muito coche fidalgo nas pedregosas calçadas, sinos batendo e sinhazinhas em flor pelas janelas.

Na pia batismal, nossa famosa mineira recebeu o nome de Olympia Angélica de Almeida Cotta. Naquele ano de 1990, a Agência *O Globo* publicou um texto de que retirei o trecho abaixo, por ilustrativo:

“A partir de meados da década de 40, quando começou suas andanças pelas ruas de Ouro Preto – com roupas de cores vivas que misturavam um luxo de gosto duvidoso com trapos, o cajado enfeitado e os cabelos coloridos de azul, vermelho ou cor de rosa, sob os mais extravagantes chapéus –, a simpática velhinha de mente fantasiosa, que misturava os tempos da História, ganhou fama. Para alguns, era louca; para outros, sábia. E há, ainda, os que a consideram a primeira hippie do Brasil.”

E prossegue o redator (cujo nome não está registrado):

“Em seu mundo imaginário, Olímpia acreditava ser a favorita de Dom Pedro II e parente do Conde d’Eu. Afirmava que recebera de fidalgos e cavaleiros diversas declarações amorosas e que frequentara bailes e saraus. Nos últimos dez anos de sua vida, até morrer, em 1976, aos 87 anos de idade, Dona Olímpia transformou-se em atração turística da cidade. Foi muito fotografada e apareceu até em jornais do exterior; virou mesmo cartão postal da cidade.”

A historiadora Guiomar de Grammont também cuidou do fascinante assunto. É de sua lavra o texto abaixo, ilustrado por uma foto de Dona Olímpia que está no Museu Casa Guignard, em Ouro Preto:

“Esfuziante e bela, com sua poderosa presença, Olympia Cotta criou um estilo único. Em sua figura reunia, a um só tempo – como ninguém jamais o havia feito antes – a grandeza das cortes do passado e a riqueza psicodélica do universo hippie que coloriu as ruas do Brasil marcado pela dureza da ditadura. Assim, Olympia reunia tempos diferentes: o universo mágico e galante em que se passavam suas histórias e o delírio woodstockiano dos jovens hippies que transitavam pela cidade na época. Ela inventava, ousava, reciclava, misturava papel e cetim, madeira e renda, luxo e lixo. Impossível não olhar para ela quando sua persona estupenda assomava do fundo de alguma ladeira de Ouro Preto.”

Tenho nas minhas estantes um singelo e delicioso livro intitulado *Ouro Preto Também para Crianças*, de Maria Zélia Damásio Trindade, com capa e ilustrações do consagrado artista plástico Cláudio Martins, uma edição de 1977 da Editora Lemi, de BH. Com contracapa assinada pela grande e saudosa escritora Lúcia Machado de Almeida, irmã de Aníbal Machado e autora do celebrado livro *Passeio a Ouro Preto*. Pois bem, nas páginas 85/86, sob o título “D. Olímpia” vamos encontrar um bom painel da excêntrica personagem:

“Dona Olímpia Cota era figura conchecidíssima por todos quantos visitavam Ouro Preto; focalizada por jornalistas, pintores e fotógrafos em seus trabalhos. Com seu chapéu, seu bastão todo cheio de papéis coloridos, o cigarro na mão e o xale nos ombros, lá estava ela, conversando com os turistas e a gente do lugar.

– Ah!, ‘minha nega!’ Eu sou sobrinha do Frei Santa Rita Durão, aquele escritor famoso! Família nobre, a minha. Já fui muito bonita e rica. Já, sim! Não viu meu retrato quando moça, ainda não?”

E lá ia, pedindo um cigarrinho ou dinheiro aos turistas, proseando e posando com eles.

Dona Olímpia era uma figura simpática, sempre bem acolhida, quer pelos ouropretanos, quer pelos turistas.

Parece que se referem a ela estes lindos versos de Murilo Mendes:

“A viúva de Ouro Preto sobe a rua cantando,
apoiada ao bastão, na cabeça um penacho
de três cores, vestido velho e desbotado
cuja invisível cauda arrasta com desdém.
A viúva de Ouro Preto fala em frases cifradas,
pesa em partes iguais o mito e a realidade,
o passado e o presente, a alegria e a tristeza,
rico e pobre entretém com igual polidez,
declara que decide a guerra no estrangeiro.
A trama de sua vida é feita de fantasmas
que só se extinguirão no seu último dia.”

Maria Zélia esclarece que este é um trecho do poema de Murilo Mendes intitulado “Motivos de Ouro Preto”. E a autora conclui sua página assim:

“E o seu último dia já chegou.

Que pena que não a conheci!

Dela ficaram nomes de casas comerciais, de uma escola de samba, cartões, esculturas, até personagens de peças teatrais e musicais.

Dona Olímpia já virou História.”



Quero registrar nestas linhas que o primeiro livro que conheci sobre a antiga Vila Rica foi o *Ouro Preto e Conhecendo Ouro Preto*, de Eponina Ruas. Quem foi essa autora? Ela era uma médica pediatra que morava naquela cidade e ia muito à minha cidade natal de Mariana. Meus pais tinham com ela boas relações. A Dra. Eponina Ruas, que vi várias vezes andando a pé por Mariana, atendendo aos pacientes, era uma senhora de pequena estatura, discreta, arredia, de pouca conversa e – soube depois – muito culta. Revejo-a, como num sonho antigo, andando pelas ruas, com sua maleta de médica na mão.

Por falar em Ouro Preto, onde trabalhou o célebre escultor Aleijadinho, onde versejaram os arcades poetas da Inconfidência, aproveito o ensejo para destacar cinco livros de importância histórica, sociológica e literária. Esse quinteto compõe a Série Ouro-pretana da Editora Liberdade, que funciona naquela histórica urbe, sob a direção do casal de professores universitários e escritores Arnaldo Fortes Drummond e Maria Francelina Ibrahim Drummond.

São eles: *Memórias de Ouro Preto*, de Lauro Sérgio Versiani Barbosa e Humberto Dornelas; *Da Poesia à Reportagem*, de Hermínio Barbosa; *Sinos de Ouro Preto*, de Arthur de Brito Machado; *Poesia Enquanto Costume*, de Maria Francelina Ibrahim Drummond (org.) e *Terra Adotada: Relato de um imigrante*, de Antônio Francisco dos Reis.



Assim, conforme ela foi descrita linhas acima, eu conheci pessoalmente, nos outroras da minha vida, a impressionante figura de Olympia Angélica de Almeida Cotta. Foi assim que eu a vi numerosas vezes, ao longo de dois anos, quando, em Ouro Preto, estudei interno no Colégio Arquidiocesano, em 1956 e 1957. Eu faria 14 anos de idade no fim de 1956. Era, portanto, pouco mais que um menino, um rapazote.

Naquele tempo, havia poucos turistas na antiga Vila Rica, estava longe de acontecer o I Festival de Inverno. Se durante a semana o comportamento era bom no internato (misto de seminário e quartel), tínhamos folga domingo à tarde para percorrer a cidade. Às 18 horas, toque de recolher. Mesmo com escassos cobres no bolso, só uns caramingaus para um sorvete e um café com pão de queijo, era bom zanzar subindo e descendo aquelas históricas ladeiras. Sempre encontrávamos Dona Olímpia fumando e proseando, rindo e contando casos, com aquela voz meio grossa, rouquenha, na Praça Tiradentes, seu *point* preferido, seu palco predileto, pois ela era, demente ou sábia, ou ambas as coisas, uma atriz.

Corria a lenda: Dona Olímpia fora uma formosa donzela, muito bonita na juventude. Ficava meio desequilibrada por ter um amor contrariado, era até de família aristocrática – histórias assim, que passavam de boca em boca para acicatar o imaginário popular e inspirar artistas e outras almas sensíveis e romanescas. Só um exemplo: sua singular figura extemporânea seduziu o talento de um artista como Orózio Belém, que lhe desenhou o retrato num *crayon* reproduzido na edição do jornal carioca *O Dia*, de 1º de março de 1990, ilustrando uma reportagem de Rose Esquenazi.

Pois é, minha antiga e risonha interlocutora transpôs alegremente as montanhas de Minas para, transfigurada num carnavalesco delírio “barroco”, com o nome de Sinhá Olímpia, ganhar ainda maior dimensão nacional via rádio, TV, revistas e jornais, o que ela, viva fosse, muito apreciaria, já que, afinal, sempre foi destaque. E continua sendo uma estrela a brilhar no céu de Ouro Preto, do Itacolomi ao Alto das Cabeças, passando pela Rua Paraná, Rua Direita, Rua São José, Praça Tiradentes, com o antigo Palácio dos Governadores, a estátua do herói nacional pulpiciado no Rio e o Museu da Inconfidência.

Agora, como escreveu o poeta Abgar Renault, “tudo é tarde”. Adeus, Dona Olímpia. O antigo rapazote, hoje quase octogenário e avô de dois netos e duas netas, sente saudade das nossas amáveis conversas, Dona Olímpia, lendária estrela de Minas...

*Danilo Gomes é membro da Academia Mineira de Letras. (Brasília, 07/09/2020).

Millôr Fernandes: um século de genialidade

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com

A três meses da data em que seria o centenário de um dos maiores dramaturgos do país, o **JORNAL DE LETRAS** homenageia o grande artista Millôr Fernandes, que tantas alegrias trouxe para os amantes da cultura brasileira, produzindo uma vasta obra gráfica, literária, teatral e jornalística. A paixão pelo teatro e pelo jornalismo fez com que ele criasse e traduzisse mais de uma centena de peças, dezenas de livros e comparecesse, cotidianamente, na grande imprensa brasileira. Foram mais de sete décadas de produção constante e brilhante.

Desenhista, tradutor, jornalista, roteirista de cinema e dramaturgo, Millôr foi um raro artista que obteve grande sucesso, de crítica e público, em todas as áreas em que atuou.

Conhecido pela inteligência e ironia refinadas, que resultaram em frases provocativas e textos bem-humorados, Milton Viola Fernandes (seu nome de batismo) nasceu no Méier, subúrbio carioca, no dia 16 de agosto de 1923. Porém, só foi registrado quase um ano depois, como se tivesse nascido em 27 de maio de 1924. O pai – Francisco Fernandes, espanhol naturalizado brasileiro, morreu em seguida, deixando o escritor órfão, aos dois anos de idade. Para sustentar os filhos, a mãe, Maria Viola Fernandes, foi trabalhar como costureira.

O pequeno Milton, como era chamado, iniciou a vida escolar em 1931. Com habilidades para o desenho e leitor de histórias em quadrinho, copiava quadro por quadro com perfeição. Aos 12 anos, nova tristeza se abateu sobre a família. O menino perdeu a mãe, vítima de câncer, e foi morar com o tio Antônio Viola, que o incentivou a levar seus desenhos para o periódico *O Jornal*. Os traços perfeitos chamaram a atenção e logo foram publicados, o que lhe rendeu os primeiros trocados.

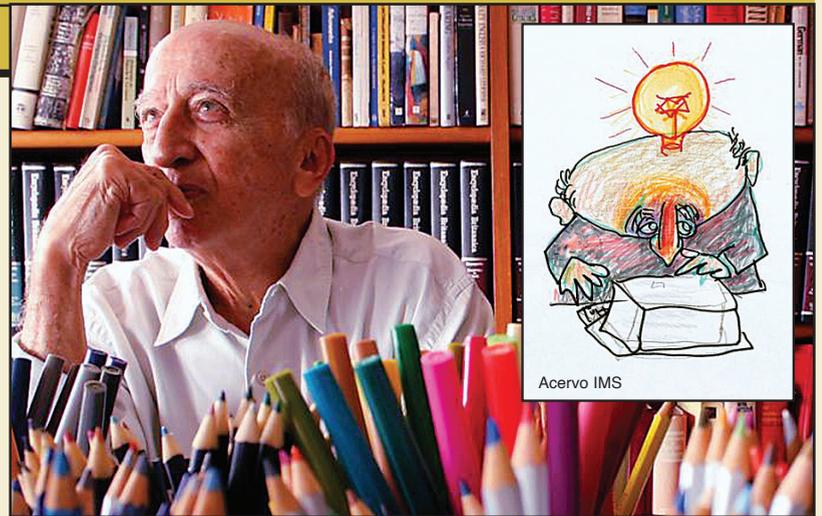
Aos 15 anos, o jovem, talentoso e esforçado, ingressou no mercado de trabalho, como office-boy em um consultório médico e na revista *O Cruzeiro*, de Assis Chateaubriand. Para se aperfeiçoar como desenhista, matriculou-se no Liceu de Artes e Ofícios. Um ano depois, venceu o concurso de contos da revista *A Cigarra*, onde passou a trabalhar num espaço vago de publicidade. Criativo, deu o nome de Poste-Escrito ao conjunto de frases, versos, textos inteligentes e engraçados. A página fez sucesso imediato e acabou por virar uma coluna fixa na revista, onde assinava com o nome de “Vão Gôgo”, alcunha que usou durante um longo período.

Millôr sempre fez piada em relação ao registro de nascimento. Costumava brincar que percebeu somente aos 17 anos que o seu nome havia sido escrito errado na certidão: onde deveria estar Milton, leu “Millôr” (o corte da letra “t” confundia-se com um acento circunflexo, e o “n” com um “r”). Seja como for, gostou do novo nome e o adotaria a partir de então. “Milton nunca foi uma boa escolha”, comentaria anos mais tarde, durante uma entrevista. A data de nascimento também não estava correta: em vez de 27 de maio de 1924, ele nasceu no dia 16 de agosto do ano anterior.

Com apenas 17 anos, tornou-se diretor das revistas *A Cigarra*, *O Guri* e *Detetive*. Em 1942, fez sua primeira tradução: *A Estirpe do Dragão*, da escritora americana Pearl S. Buck (1892-1973). Em 1943, terminou os estudos no Liceu e retornou à revista *O Cruzeiro*, onde assinou a coluna *O Pif-Paf* (que depois viraria uma revista à parte), durante a fase áurea da publicação, entre 1945 e início dos anos 1960. Sua coluna foi um dos carros-chefes da maior publicação nacional do período.

Em 1948, viajou aos Estados Unidos, onde conheceu Walt Disney (1901-1966). “Nessa época eu ainda acreditava que Disney sabia desenhar. Só mais tarde, lendo sua biografia, aprendi que até aquela assinatura bacana com que ele autentica os desenhos é criação da equipe”, provocou, na autobiografia que escreveu em seu site. Ainda em 1948, casou-se com Wanda Rubino. No ano seguinte, Millôr assinou seu primeiro roteiro cinematográfico, “Modelo 19”, e foi agraciado com o Prêmio Governador do Estado de São Paulo.

Em 1951, fez uma viagem pelo Brasil, durante quarenta e cinco dias, em companhia do escritor Fernando Sabino (1923-2004), com o intuito de conhecerem melhor o país. Em 1952, viajou para a Europa, conheceu a Itália e, em seguida, Israel.



Millôr Fernandes faria 100 anos no dia 16 de agosto de 2023. No detalhe, um autorretrato.

Como desenhista, dividiu o primeiro lugar com o americano Saul Steinberg, em um concurso realizado na Exposição Internacional do Museu da Caricatura de Buenos Aires, em 1956. No ano seguinte, organizou uma exposição individual com seus desenhos e pinturas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

Sua primeira peça teatral – *Uma mulher em três atos* – estreou em 1953. A partir de então, iniciou a bem-sucedida carreira também no teatro. Em 1959, apresentou o programa de televisão “Universidade do Méier”, na TV Itacolomi. No ano seguinte, sua peça “Um elefante no caos” estreou, após censura. Com ela, ganhou o prêmio de melhor autor da Comissão Municipal de Teatro.

Em 1963, o premiado escritor abandonou *O Cruzeiro* e foi trabalhar no *Correio da Manhã*. Em 1964, criou a revista *Pif-Paf*.

Da década de 1960 até a sua morte, aos 88 anos, o teatro foi um dos principais meios de expressão do artista, mas ele participou também de programas de televisão e colaborou em vários periódicos durante a vida, tais como: *O Jornal*, *Tribuna da Imprensa*, *Veja*, *O Pasquim*, *IstoÉ*, *Jornal do Brasil*, *O Dia*, *Folha de S. Paulo*, *Bundas* e *O Estado de S. Paulo*.

Apesar da infância trazer marcas tristes, sua obra se associou à comédia, ironia, crítica sociopolítica e de costumes. Tanto sua prosa como sua dramaturgia são caracterizadas pelo humor, muitas vezes ácido, marcado por um espírito provocativo. Além de possuir frases memoráveis, produziu peças que fizeram história no teatro brasileiro, como “É...”, uma das obras mais famosas do escritor, que enveredou pelo caminho do teatro de resistência, como a crítica define o espetáculo “Liberdade, liberdade” (em coautoria com Flávio Rangel) e pelo chamado teatro do absurdo, como definida a peça “Um elefante no caos”.

Para internet, criou o site Millôr On-line, sobre o qual diria, posteriormente: “Se eu soubesse o que atrai tanta gente, nunca mais faria de novo.” Como bom roteirista, ainda escreveu sobre a própria vida: “Meu destino não passa pelo poder, pela religião, por qualquer dessas entidades idiotas. Meu script é original, fui eu quem fez. Por isso não morro no fim.”

Millôr Fernandes foi casado com Wanda Rubino Fernandes e tinha dois filhos, Ivan e Paula, e um neto, Gabriel. O artista morreu em casa, no bairro de Ipanema, na Zona Sul do Rio de Janeiro, no dia 27 de março de 2012. Sua obra, porém, ficou eternizada pela genialidade. Em 2013, foi inaugurada, no Arpoador, o “Largo do Millôr”, criado pelo arquiteto e urbanista Jaime Lerner, com uma escultura que traz a silhueta do artista, em desenho de Chico Caruso, sobre um banco de madeira.

No ano passado, para marcar os dez anos da sua morte, mais uma homenagem a um dos mestres da escrita e do humor, que deixou sua contribuição não apenas nas letras e nas artes, mas também nas areias cariocas. No dia 27 de maio de 2022, foi instalada uma placa no Largo do Millôr, no trecho em frente à faixa de areia onde se pratica frescobol. Millôr foi pioneiro nesse esporte, criado em Copacabana em meados dos anos 1940 e sucesso nas praias até hoje.

Homenagear Millôr é manter viva a história carioca.

FRASES

Seguem algumas frases antológicas do genial Millôr Fernandes:

“Abdômen: palavra machista significando barriga pra ambos os sexos. Deveria haver também abdmulher.”

“Aborígene é a maneira pejorativa dos conquistadores chamarem o dono da propriedade.”

“O B é um l que se apaixonou por um 3.”

“Dar mel não faz da abelha um ser superior.”

“Não se escreve com 11 palavras o que se pode escrever com 10 (a não ser que você seja americano e ganhe por palavra; aí a proposição deve ser invertida).”

“Todo homem nasce original e morre plágio.”

“Só uma coisa preenche tudo – o nada.”

“Um homem começa a ficar velho quando já prefere andar só do que mal acompanhado”.

“O coração tem imbecilidades que a estupidez desconhece”.

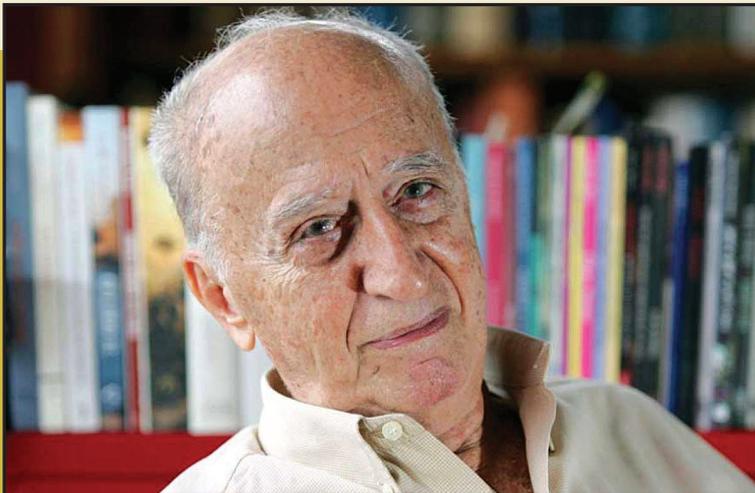
“Esnobar é exigir café fervendo e deixar esfriar”.

“Há certas mulheres que acabam ficando bonitas de tanto a gente dizer que são”

“Não há problema tão grande que não caiba no dia seguinte.”

“Clássico é um escritor que não se contentou em chatear apenas os contemporâneos.”

“A morte é compulsória, a vida não.”



OBRAS

Prosa

Eva sem Costela: Um livro em defesa do homem (1946)

Tempo e Contratempo (1949)

Lições de um Ignorante (1963)

Fábulas Fabulosas (1964)

Esta é a Verdadeira História do Paraíso (1972)

Trinta Anos de Mim Mesmo (1972)

Livro Vermelho dos Pensamentos de Millôr (1973)

Compozissôis Imfâtis (1975)

Livro Branco do Humor (1975)

Devora-me ou Te Decifro (1976)

Millôr no Pasquim (1977)

Reflexões Sem Dor (1977)

Novas Fábulas Fabulosas (1978)

Que País é Este? (1978)

Todo Homem é Minha Caça (1981)

Diário da Nova República (1985-1988)

Eros Uma Vez (1987)

The Cow Went to the Swamp ou A Vaca foi pro Brejo (1988)

Millôr Definitivo: A bíblia do caos (1994)

Crítica da Razão Impura ou O Primado da Ignorância (2002)

100 Fábulas Fabulosas (2003)

Apresentações (2004)

Novas Fábulas & Contos Fabulosos (2007)

Circo das Palavras (2007)

O Mundo Visto Daqui: Praça General Osório (2010)

A Entrevista (2011)

Poesia

Papáverum Millôr (1967)

Hai-kais (1968)

Poemas (1984)

Teatro

Uma mulher em três atos (1953)

Do tamanho de um defunto (1955)

Bonito como um deus (1955)

Diálogo da mais perfeita compreensão conjugal (1955)

Um elefante no caos (1962)

Pif, tac, zig, pong (1962)

Liberdade, liberdade (1965) III

Pigmaleoa (1965)

A viúva imortal (1967)

Computa, computador, computa (1972)

É... (1977)

A história é uma história (1978)

Os órfãos de Jânio (1979)

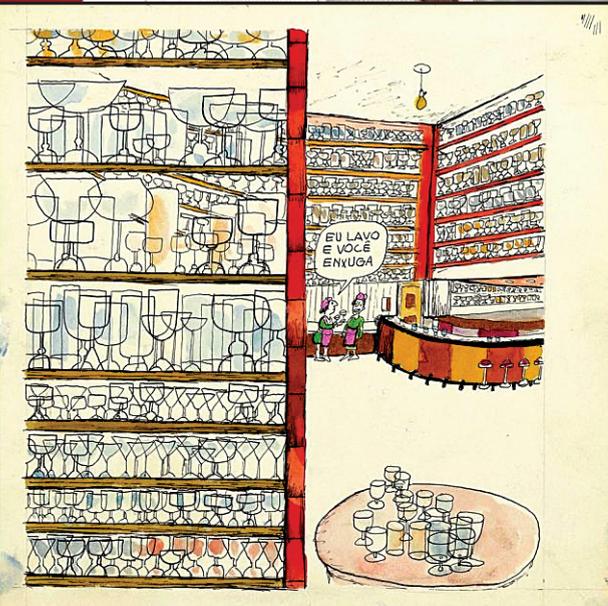
O homem do princípio ao fim (1982)

Duas tábuas e uma paixão (1982)

A eterna luta entre o homem e a mulher (1982)

Kaos (1995)”

Acervo IMS



Acervo IMS



Acervo IMS



Viva o livro! Viva os abraços!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

No dia 18 de abril, data em que comemoramos o nascimento de Monteiro Lobato – *Dia Nacional do Livro Infantil e Juvenil* –, a festa aconteceu na Cátedra Unesco de Leitura, do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio – IILER, com a entrega dos selos Cátedra 10, edição 2022.

Afastados pela pandemia, a premiação da Cátedra proporcionou o reencontro com amigos, a troca e o reforço de afetos, a importância do trabalho editorial e, principalmente, o reconhecimento da seleção realizada pela Cátedra na triagem, avaliação, seleção e elaboração de pareceres sobre as obras recebidas (457 livros).

A *II Jornada de Literatura Infantil e Juvenil*, que antecedeu a cerimônia de premiação, temas relacionados ao universo da literatura infantil e juvenil. Na mesa de abertura, o vice-reitor geral da PUC-Rio, Pe. André Luís Araújo e Gilda Carvalho, diretora do IILER.



Denise Ramalho, da Cátedra Unesco de Leitura, fez a mediação da mesa *A produção de literatura para crianças e jovens hoje: estamos formando leitores?*, que reuniu três setores da produção editorial: o escritor Alexandre Gomes, o ilustrador Guto Lins e a editora da Pingo de Luz, Larissa Kouzmin-Karovaeff.

A mesa seguinte reforçou o caráter interdisciplinar do IILER no debate *Para quê falar de Literatura Infantil na Universidade?* e contou com a participação dos Departamentos de Letras, Alexandre Montauray, de Educação, Cristina Carvalho e de Artes, Claudia Bolshaw. A mediação foi de Gilda Carvalho.



A cerimônia de premiação encantou a todos que interagiram com os premiados.

Várias obras premiadas foram apresentadas aqui na nossa página. Apresento algumas para homenagear a todos que se emocionaram e sorriram com o recebimento dos seus selos.



O que é Preciso pra Ser Rei? – Leo Cunha e Tino Freitas escreveram e Fê ilustrou (Pequena Zahar) – (*E o meu nariz de farejar boas histórias logo coçou com a leitura desse texto*). Anna Rennhack comemora com Tino Freitas e Ana Paula Tavares a entrega do selo Cátedra.



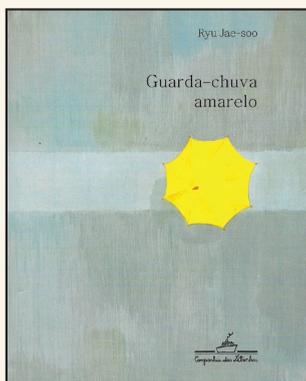
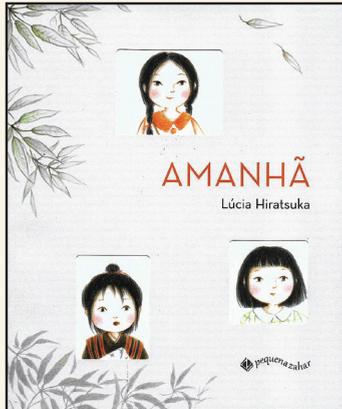
Semente de Urso

– Texto e ilustrações de Fernando A. Pires (Compor) – Uma semente marrom, gordinha e peludinha – só pode ser –, uma semente de URSO!



A editora Lourdinha Mendes recebe o selo de Luiza Tavares, pesquisadora do Grupo de Estudos em Literatura Infantil e Juvenil – GELIJ.

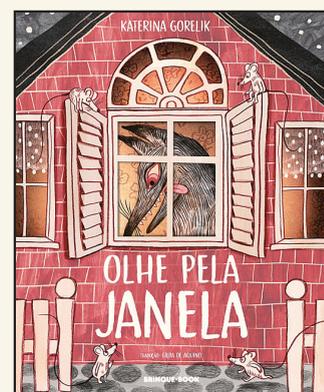
Amanhã – Texto e imagens de Lúcia Hiratsuka (Pequena Zahar) – A delicadeza do traço de Lúcia nos conduz, suavemente, a três momentos, três gerações, três meninas a caminho da escola. A Lúcia Hiratsuka e a editora Ana Paula Tavares recebem o selo.



Guarda-Chuva Amarelo – Autor das ilustrações Ryu Jae-soo; autor da melodia Shin Dong-il; pianista intérprete Han Bong-ye, nascidos na Coreia do Sul (Companhia das Letrinhas) – Livro de imagens que é uma obra-prima.

Ao focalizar o código (QR Code) disponível no livro com a câmara do celular, é liberado o acesso às músicas.

Olhe pela Janela – escrito e ilustrado por Katerina Gorelik e traduzido por Gilda de Aquino (Brinque-Book). Uma janela (em recorte) é o personagem central. Quer saber mais? Olhe pela janela!



BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL



JAMES ARTHUR BALDWIN

(Nova York, 02/08/1924 – Saint-Paul-de-Vence, 01/12/1987). Romancista, ensaísta, dramaturgo, poeta e crítico social estadunidense. Ele

passou muito tempo cuidando de seus vários irmãos e irmãs mais novos. O dia do seu aniversário de 19 anos foi o dia do funeral de seu pai, o dia que a última criança de seu pai nasceu, e o dia do motim do Harlem de 1943, que foi retratado no início de seu texto *Notes of a Native Son*. Baldwin morreu de cancro do estômago, tendo sido enterrado ao lado da sua mãe, Emma Berdis Jones. Em uma conversa, seu amigo, Nall disse a Baldwin: “Através de seus livros, você me libertou da minha culpa por ser tão intolerante vindo do Alabama e por causa da minha homossexualidade.” Baldwin insistiu: “Não, você me libertou ao revelar isso para mim.” Na época de sua morte, estava trabalhando em um manuscrito inacabado chamado *Remember This House*, um livro de memórias de suas lembranças pessoais dos líderes dos direitos civis Medgar Evers, Malcolm X e Martin Luther King Jr. Após sua morte, a editora McGraw-Hill deu um passo sem precedentes de processar seu espólio para recuperar o adiantamento de 200 mil dólares que havia pago pelo livro, embora o processo tenha sido arquivado em 1990. O manuscrito forma a base para o documentário de 2016 de Raoul Peck, *I Am Not Your Negro*. Livros: *The Price of the Ticket* (1985); *If Beale Street Could Talk* (1974).

acervo JL



NORA ROBERTS

(Nascida Eleanor Marie Robertson, em 10/08/1950, Silver Spring, Maryland) Escritora norte-americana de mais de 200 best-sellers românticos. Ela escreve também sob o pseudônimo de J. D. Robb

(na Série Mortal), Jill March e Sarah Hardesty (em publicações no Reino Unido). Roberts foi a primeira mulher a figurar no *Romance Writers of America Hall of Fame*. É considerada uma pintora de palavras que, a cada pincelada, dá vida a personagens cheios de energia e vigor. Casou-se com Bruce Wilder em 1985. Wilder administra uma livraria chamada Turn the Page Books, localizada em Boonsboro, Maryland. Entre os anos de 1982 e 1984, Roberts escreveu 23 romances para a Editora Silhouette. Ela alcançou a lista de best-sellers de capa dura em 1996, com *Montana Sky*, seu quarto romance publicado. A carreira de Nora Roberts é apresentada na obra *A Natural History of the Romance Novel*, escrita por Pamela Regis. Regis considera Roberts “uma mestra do romance porque ela tem ‘um ouvido apurado para o diálogo, constrói cenas ágeis, mantém o ritmo da página virando e fornece uma caracterização convincente”. A *Publishers Weekly* elogiou o seu “humor irônico e o uso de diferentes narradores, dois recursos antes raros” no gênero de livros de romance. Muitas das obras de Roberts lidam com assuntos relacionados à família.

acervo JL



TONI MORRISON

Nascida Chloe Ardelia Wofford (Lorain, 18/02/1931 – Nova York, 05/08/2019), escritora, editora e professora estadunidense. *Amada* (1987), o primeiro romance de

uma trilogia que inclui *Jazz* (1992) e *Paraíso* (1997), ganhou o Prêmio Pulitzer de melhor ficção. Morrison escreveu peças, ensaios, literatura infantil e um libreto de ópera. Recebeu o Nobel de Literatura de 1993, por seus romances que relatam as experiências de mulheres negras nos Estados Unidos durante os séculos XIX e XX. Toni Morrison nasceu em Lorain, em Ohio, nos Estados Unidos, numa família de classe média baixa. Em 1949, Morrison ingressou na Universidade Howard, onde se formou em Inglês em 1953. Depois, retornou à Universidade Howard, onde ocupou um cargo de professora. Como editora, Toni Morrison ajudou a tornar a literatura negra popular nos Estados Unidos. Também lecionou Inglês na Universidade Estadual de Nova York. Começou a se dedicar à ficção na época em que fazia parte de um grupo de escritores que se encontravam na Universidade Howard para discutir literatura. Publicado em 1973, seu romance *Sula* foi indicado ao National Book Award. O terceiro livro, *Song of Solomon* (1977), teve repercussão internacional. Em 1987, o livro *Beloved* se tornou um sucesso de crítica. Em 1993, Morrison foi a primeira escritora negra a receber o Prêmio Nobel de Literatura. Morrison morreu por complicações em uma pneumonia. Tinha 88 anos de idade.

O inventor de verdades

Por José Augusto Carvalho*

As *Aventuras de Alice* (no País das Maravilhas e Através do Espelho) oferecem ao leitor mais atento algumas sugestões para a explicação de importantes problemas linguísticos, psicológicos e até biológicos. Lewis Carroll não era um especialista da linguagem. Por isso mesmo, o que me chamou a atenção foram duas verdades inventadas por ele, ambas de interesse para o estudioso da linguagem ou da semiótica.

A primeira delas é a atribuição a uma questão “linguística” do eterno desentendimento entre gatos e cachorros. O gato de Cheshire (aquele que fica invisível, deixando o sorriso no ar) explica a Alice por que ele era louco; e um cachorro, não: o cachorro rosna quando está zangado, e abana a cauda quando está contente. Mas o gato rosna (ronrona) quando está contente, e abana a cauda quando está zangado. (CARROLL, L. *Alice's adventures in Wonderland and through the looking glass*. Harmondsworth, Middlesex: Puffin Books, 1976, p. 88.)

Em outras palavras, Lewis Carroll inventou uma belíssima explicação para a eterna briga entre cães e gatos: o “sim” em *gatês* equivale a um “não” em *cachorrês*, e vice-versa! *Si non è vero...*

Lewis Carroll – e aqui vai sua segunda invenção da verdade – também questiona, com sutileza, o conceito tradicional do pronome como substituto do nome. Quando o Mosquito dentro do espelho pergunta a Alice se ela não gostaria de perder o próprio nome, ela responde que não. E o Mosquito argumenta: se ela não tem nome, a governanta não poderia chamá-la para as lições da escola. Mas Alice responde que, embora não tivesse nome, a governanta a chamaria de “menina”. (Miss) (*Ibidem*, p. 228-9).

Nessa passagem, há um questionamento a respeito do conceito de pronome. De início, Alice contradiz a definição tradicional de pronome como substituto do nome: se ela não tem nome, pode ser chamada pelo hiperônimo menina (Miss!) (= senhorita).

Isso significa que menina também é um substituto do nome, e não se constitui num pronome. Mais adiante, Alice, sozinha, esquece o nome das

coisas e o seu próprio nome. E diz, enquanto anda: “(...) depois de tanto calor, ficar dentro de... dentro... dentro de quê? (...) Eu quero dizer ficar debaixo de... debaixo de... debaixo disto, ora!”

E colocou a mão no tronco da árvore, surpresa por não saber que se tratava de uma árvore: “É possível que não tenha nome nenhum... vai ver, não tem mesmo.” (*Ibidem*, p. 230).

Se o pronome fosse substituto do nome, Alice não poderia usar os pronomes *quê* (*dentro de quê*) nem isto (*debaixo disto, ora!*) para substituir um nome que não existe! (*É bem possível que não tenha nome nenhum*).

Isso significa que, intuitivamente, Lewis Carroll inventou a verdade de que o pronome deve ser historicamente anterior ao nome, já que se pode usar o pronome para coisas que ainda não têm nome ou para coisas cujo nome se ignora. Se não conheço uma pessoa, pergunto a quem a conhece: “Quem é essa pessoa?” Uso dois pronomes que se tornarão desnecessários no momento em que eu aprender o nome dessa pessoa.

Muitos outros escritores, além de Lewis Carroll, incursionando às escuras pelas áreas múltiplas de conhecimento, chegaram a conclusões espantosamente próximas da verdade, graças à intuição e ao gênio de sua pena mágica! Foi o que fez, por exemplo, Ortega y Gasset, ao “inventar” o étimo de snob, como oriundo do acrônimo formado pela expressão latina *sine nobilitate*. (Ver ORTEGA Y GASSET, José. *A rebelião das massas* – trad. de Herrera Filho – Rio de Janeiro: Livro Ibero-Americano, 1971, p. 26, nota 5, de rodapé: o autor diz que, na Inglaterra, as listas de residências indicavam junto a cada nome o ofício e a classe da pessoa. Por isso, junto ao nome dos simples burgueses aparecia a abreviatura s.nob., que quer dizer, “sem nobreza”. Essa seria, segundo ele, a origem da palavra snob).

A lição de moral, se é que alguma lição tenha moral, é que não basta o acaso de uma maçã para dar ao Homem o fogo de Prometeu, a descoberta da lei das atrações ou a felicidade da perda do paraíso da ignorância. O progresso da humanidade nasce mesmo é da intuição mágica das grandes sensibilidades, que faz a fama do gênio e a conquista das ciências.

*José Augusto Carvalho é mestre em Linguística pela Unicamp e doutor em Letras pela USP, é autor de várias obras sobre língua portuguesa, entre as quais: *Gramática Superior da Língua Portuguesa, Estudos sobre o Pronome, Pequeno Manual de Pontuação, Problemas e Curiosidades da Língua Portuguesa*, todas pela Thesaurus, de Brasília.



Por Zé Roberto

arte Desenharte

zerobertograuna@gmail.com

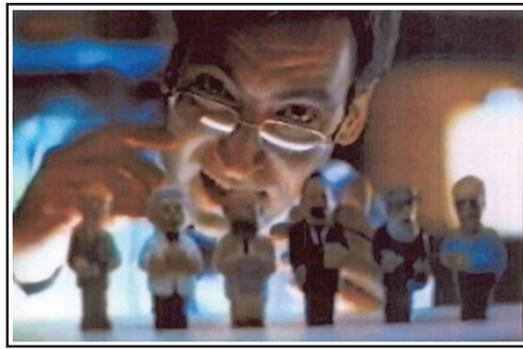
ARTE É DE QUEM CRIA OU DE QUEM SE APROPRIA?

Em meados do mês de maio de 2002, quando todos acompanhavam a Copa do Mundo sediada no Coreia do Sul e Japão, o escultor Zé Andrade assistia distraído sua televisão, quando, num dos intervalos do Jornal Nacional, foi ao ar uma peça publicitária do banco Itaú. Num típico e utópico comercial, muito comum em anúncios de empresas financeiras, um ator surgia num ambiente passando uma mensagem otimista e recheada de imagens cativantes. Entre elas, apareciam as figuras de Woody Allen, Albert Einstein, Barão de Itararé, Friedrich Nietzsche, Claude Monet e Antonio Callado em 6 esculturas criadas por Zé Andrade. O que parecia ser uma consagração a um artista popular brasileiro, em horário nobre, não passou de uso indevido de obras autorais. A peça publicitária foi criada pela famosa e consagrada produtora cinematográfica Conspiração Filmes, sob encomenda da extinta agência de Nizan Guanaes, a DM9; porém, apesar de todas as artes criadas por Zé Andrade serem facilmente identificáveis, com assinatura do artista nas costas de todos os bonecos, nenhum dos profissionais envolvidos com a produção do anúncio realizou qualquer contato com o artista para comercialização de suas obras, autorização ou algum tipo de permuta. A escolha das citadas esculturas por parte dos responsáveis pela criação da propaganda, por si só confirma a notoriedade da série de bonecos criada pelo ceramista, muito popular no meio cultural carioca, e mostra que as figuras cunhadas por Zé Andrade são notórias por quem frequenta espaços culturais, o que, obviamente, deveria ser do conhecimento dos idealizadores da peça publicitária.

Indignado pelo uso de suas artes numa ação comercial, sem sua autorização, Zé Andrade buscou orientação jurídica e entrou com processo contra a poderosa instituição financeira. Municiado pela Dr.^a Eny Moreira, discípula de Sobral Pinto, advogada consagrada e reconhecida por sua atuação pelos Direitos Humanos, criadora do Comitê Brasileiro pela Anistia, autora do livro *Brasil: Nunca mais, além de atuação contundente em questões* do direito autoral; o escultor saiu-se vitorioso nas duas primeiras instâncias, porém, perdeu a batalha contra o gigante financeiro e foi derrotado em terceira instância. “O Juiz bateu o martelo e decidiu que eu não tinha direito ao meu direito, daquilo que criei com a finalidade de exaltar a cultura!”, lamenta Zé Andrade. A partir de então, depois de duas décadas de uma luta onde Golias derrota David, o escultor popular vem perguntando a quem quiser ouvir: “Afim, de quem é a arte? Arte é de quem cria ou de quem se apropria?”, assim mesmo, com o cifrão no lugar do “s”. Num país onde Chico Buarque de Hollanda é indagado por uma juíza a provar ser autor de sua música Roda Viva, Zé Andrade se mostrou descrente de nossa morosa justiça e resolveu não apelar para mais recursos. “Após a morte da Dr.^a Eny Moreira, em janeiro de 2022, depois de vencer nas duas primeiras instâncias e perder na terceira, o escritório não quis mais continuar defendendo a causa, e eu teria que contratar outros



Zé Andrade e o seu Ferreira Gullar.



No frame, as 6 peças utilizadas no comercial.

profissionais. Foram anos de desgastes emocionais e financeiros incalculáveis”, constata o nosso Zé, a triste realidade do artista brasileiro.

O Artista

Zé Andrade é nascido no dia 22 de janeiro de 1952, no município de Ubaíra, na Bahia. O artista faz parte daquela trupe que Belchior descreveu muito bem em sua canção “Fotografia 3x4” (Pois o que pesa no norte/ pela lei da gravidade/ disse Newton já sabia/ cai no sul, grande cidade); e veio tentar a vida no Rio de Janeiro, em 1973; morou de favor, dormiu nas ruas, começou a criar artesanatos que vendia pelas alamedas, enveredou para as esculturas, foi diversas vezes vilipendiado pelo rapa, até que, com persistência, foi conquistando seu espaço com sua personalidade e talento. Expôs suas artes no Sesc, passou pela imprensa alternativa, foi colaborador do lendário jornal *O Pasquim*, foi um dos ilustres alunos do cartunista Guidacci, no Senac; marcou presença em Portugal, quando do centenário de Fernando Pessoa, em 1988; e Alemanha, quando dos 100 anos de morte de Van Gogh, em 1990; foi funcionário do jornal *O Dia*, atuou como assessor dos vereadores Moacyr Bastos e Helinho Fernandes, e marcou a História da Democracia brasileira com o sucesso de suas máscaras que imitavam as cabeças dos políticos mais populares dos anos 1980, especialmente a máscara de Tancredo Neves, que ganhou as ruas das capitais do país e ajudou a derrotar Paulo Maluf nas eleições indiretas de 1985, decretando o fim da Ditadura Militar.

Zé Andrade já criou mais de 100 esculturas representando personalidades do humor, literatura, artes cênicas, humanismo, artes plásticas e música. Sua obra pode ser conhecida pela internet, no site zeandrade.com/, ou nas redes sociais, no Facebook, no perfil [ze.andrade.75](https://www.facebook.com/ze.andrade.75), e no Instagram, no perfil [@galeriazeandrade](https://www.instagram.com/galeriazeandrade).

Saúde e Arte!

Woody Allen.



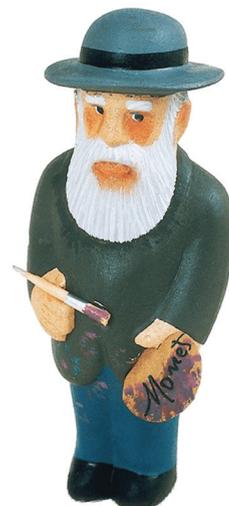
Friedrich Nietzsche.



Barão de Itararé.



Claude Monet.



Antonio Callado.



Albert Einstein.



Abril, mês dos livros

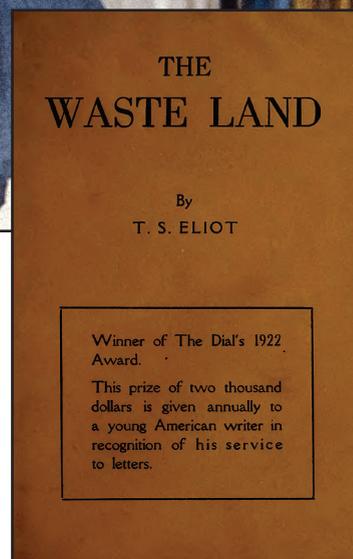
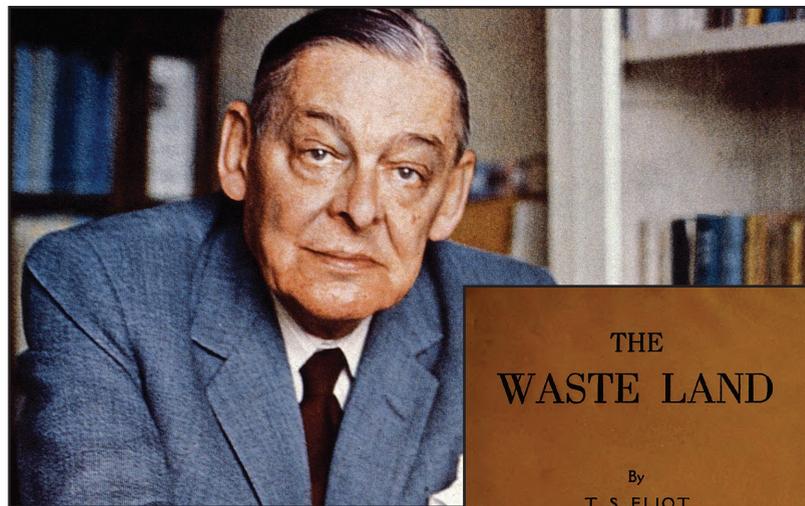
Por Francisco Aurélio Ribeiro*

T. S. Eliot (1888-1965), poeta inglês de origem norte-americana, publicou, em 1922, *A Terra Devastada*, sua obra-prima. Pelo conjunto da obra, ganhou o Prêmio Nobel de Literatura, em 1948. Nesse livro, ele afirma: “Abril é o mais cruel dos meses, germina lilases da terra morta, mistura memória e desejo, aviva, agônicas raízes com a chuva da primavera.” No hemisfério norte, abril equivale a outubro, para nós. E o tempo refletido no poema é o pós-primeira guerra, com a Europa devastada, “terra morta”, brotos ressurgindo com a chuva da primavera. “O mais cruel dos meses” refere-se à memória, o passado ruim, e o desejo de vida que renasce. Para nós, abril é mês de outono, que se iniciou em março, tempo de frutas, de colheitas (do café, do milho, do feijão), após o calor intenso do verão. Portanto, nada do “horível” elioteano.

Sempre gostei do outono em nosso hemisfério, desse período que vai de março a junho, após o calor infernal do verão, ou das chuvas torrenciais que costumam provocar desastre e inundação. Em abril, após as “chuvas de março fechando o verão”, a natureza nos brinda com os frutos, os pássaros entram no período da muda, silenciam-se e se alimentam com as sementes dos campos e os frutos do outono, que os fortalecerão para uma nova temporada de reprodução, quando vier a primavera. E ela virá, certamente, enquanto o planeta não for totalmente destruído pela insanidade humana.

Abril é especial para nós, escritores e leitores, pois carrega quatro datas significativas ao universo dos livros e dos leitores. Dia dois, comemorou-se o dia internacional do livro infantil, em homenagem ao nascimento do genial escritor dinamarquês, Hans Christian Andersen, o pai da literatura infantil. Quem não se deliciou com as histórias de *O Patinho Feio*, *A Pequena Sereia*, *O Soldadinho de Chumbo*, *A Pequena Vendedora de Fósforos* e tantas outras? Andersen escrevia para crianças com palavras e sentimentos a ela adequados, sem suavizar a realidade ou pasteurizar as emoções. Falava de amores impossíveis, da miséria, de incapacidade física, da vaidade e de tudo que é humano, bom ou ruim, de uma forma que todos entendiam, adultos e crianças. Não à toa, é o maior herói da Dinamarca, um dos países mais desenvolvidos do mundo e a maior atração de Copenhague é a estátua da pequena sereia, no porto.

No dia nove, comemoramos o Dia Nacional da Biblioteca, cujo papel social, além da disseminação da informação, é o da inserção



das comunidades ao conhecimento e em suas práticas. Num país como o nosso, em que o livro não circula nas famílias mais pobres, e em que a maioria das cidades não possui livraria, a biblioteca, seja escolar, seja comunitária, tem papel importante na formação do leitor e do cidadão. Lembro-me da importância que teve na minha formação a Biblioteca Dr. Custódio Tristão, em Guaçuí. Passei lá muitas horas da adolescência, lendo o precioso acervo distribuído pelo SNL (Serviço Nacional do Livro), extinto pelo famigerado Collor, que o Diabo o carregue.

Dezoito de abril é o dia do nascimento de Monteiro Lobato, o criador da literatura infantil brasileira. Lobato recriou o imaginário da criança brasileira com o seu Sítio do Pica-pau Amarelo e seus personagens antológicos: Pedrinho e Narizinho, Emília e suas aprontações, dentre tantos outros. Trouxe o Saci para o centro da narrativa folclórica e uma lembrança da Cuca que nenhuma criança esqueceu. Lobato nos ensinou a brasilidade, com todas as suas nuances, até a do racismo, para pensarmos nossa (de)formação cultural. E, por último, o dia 23, dia mundial do livro e dos direitos autorais, em comemoração ao nascimento de Shakespeare, Cervantes e Garcilaso de la Vega. Parabéns aos escritores, aos bibliotecários e, sobretudo, aos leitores, sem os quais não faz sentido escrever.

*Francisco Aurélio Ribeiro é membro da Academia Espírito-santense de Letras, que presidiu por vários mandatos.

Caminho das águas

Peilton Sena*

Que em 2023 você tenha fôlego suficiente para mergulhar na piscina dos seus sonhos; no mar dos seus desejos e no oceano de suas realizações.

Que você encontre forças para nadar contra as correntes; sabedoria para aproveitar o fluxo das correntezas e humildade para aceitar as lições das águas.

Nade, nade sem medo: de crawl, de peito, de costas... Atravesse as águas de 2023 (calmas ou turbulentas), nas braçadas da fé, do otimismo, da coragem e da vontade de ir sempre mais longe.

Por certo você não estará sozinho. Lembre-se de que Deus é o ar do nosso fôlego! Encha os pulmões de oxigênio, o coração de amor e a mente de pensamentos positivos.

Confie em sua respiração e vai. O Ano Novo se faz caminho das águas e nos convida ao nado, porque acredita em nossa capacidade de chegar ao outro lado da margem.

Filho do Mar

Sou filho do mar
Caiçara de plantão
Sou profundidade
Horizonte
Imensidão

Corpo bronzeado
Em sol, sal e maresia
É na beira do mar
Que ensaio minha cantoria

Peixe na rede
Barco à vela
Canoa em travessia

Na água salgada
Mato minha sede de poesia

Você é minha musa
Minha linda inspiração
Sai da areia, vem sereia
Surfar nas ondas do meu coração

Sou filho de pescador
Alma simples
Mas cheia de amor

Odojá, vem me abençoar
Vem me abençoar, vem me abençoar...

*Peilton Sena – membro da Academia Santista de Letras e da Academia de Letras e Artes de Praia Grande – ALAPG.

Novos Lançamentos



PRIMEIRA-DAMA

No livro *Janja, a Militante que se Tornou Primeira-dama* (Máquina de Livros), os jornalistas Ciza Guedes e Murilo Fiuza de Melo traçam um perfil detalhado da socióloga Rosângela da Silva, a Janja. Com informações inéditas, produzidas a partir de entrevistas e de uma minuciosa pesquisa, são reveladas as suas lutas em defesa dos direitos das mulheres e das minorias, o trabalho como executiva na maior hidrelétrica do país, os bastidores de sua atuação enquanto Lula esteve preso e o dia a dia com o presidente. Se Lula teve em outros mandatos muita influência de figuras como o ex-ministro José Dirceu e o publicitário Duda Mendonça, desta vez ele conta, como principais conselheiros, com pessoas que o acompa-

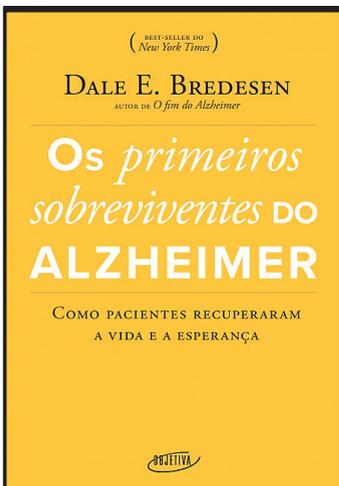
panharam ao longo de seu período na prisão. Ao lado de Gleisi Hoffmann e Fernando Haddad, Janja é um dos personagens mais proeminentes deste grupo – afirma Murilo. Jornalistas com passagem pelas principais redações do país, Ciza Guedes e Murilo Fiuza de Melo são referência quando o assunto é primeira-dama. É deles o elogiado *Todas as Mulheres dos Presidentes*, único livro que analisa o papel de todas as primeiras-damas brasileiras desde o início da República, em 1889, também lançado pela Editora Máquina de Livros.



ENVOLVIMENTO OSCURO

Sem a colaboração direta da alta sociedade da Alemanha nazista, nos anos 1930 e 1940, o Holocausto não teria acontecido. Esta é a premissa do romance histórico *O Engenheiro da Morte: A participação da elite alemã no Holocausto* (Editora Vestígio), escrito por Marcio Pitliuk, escritor e cineasta, é um dos maiores especialistas brasileiros no assunto Holocausto e, desde 2008, se dedica a divulgar o que é considerado o maior crime contra a humanidade no século passado. A obra trata de um assunto pouco conhecido: o envolvimento direto de industriais, empresários, engenheiros, arquitetos, banqueiros, médicos, advogados, em síntese, de grande parte da elite alemã no

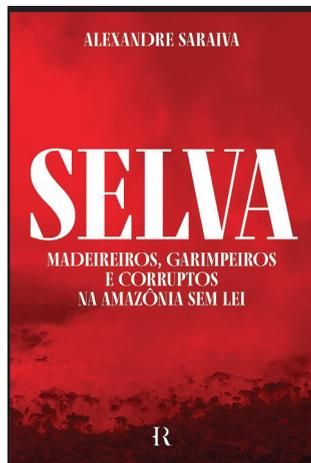
maior genocídio da história contemporânea. O único propósito dessas pessoas, segundo o autor, foi enriquecer e aumentar os lucros de suas empresas, como Volkswagen, Siemens, Dr. Oetker, Deutsche Bank, BMW, Krupp, entre outras ainda hoje na lista das mais valiosas do mundo. *O Engenheiro da Morte* é um thriller envolvente, desde o primeiro capítulo, com as revelações do autor sobre o Holocausto ou Shoah (calamidade) para os judeus; o assassinato de seis milhões de judeus, crianças, adultos, idosos, homossexuais, ciganos, opositores políticos, deficientes físicos e mentais e testemunhas de Jeová.



ALZHEIMER

Um cérebro fortalecido é parte fundamental de um estilo de vida sustentável e equilibrado. Em seu novo livro, *Os Primeiros Sobreviventes do Alzheimer – Como pacientes recuperam a vida e a esperança* (Editora Objetiva), o médico Dale E. Bredeesen reúne relatos de sete sobreviventes que adotaram seu protocolo e contam, com suas próprias palavras, o triunfo de terem superado o Alzheimer. Imagine receber a notícia de que você tem Alzheimer. Agora imagine que, em lugar de escutar que não há esperança, você descubra que a doença é tratável e, melhor ainda, que seus filhos, seus netos e as próximas gerações de sua família conseguirão evitar essa doença. Além de inspirador, este

é um livro que trata também de como aprimorar nossa cognição. Todas as ferramentas apresentadas e descritas aqui o ajudarão a viver melhor, independentemente de seu estado atual. É uma abordagem que exige mais esforço do que simplesmente engolir um comprimido, mas produzirá o tipo de mudança que realmente importa. Agora, em narrativas comoventes, você conhecerá os desafios e a luta dos primeiros pacientes a superar a doença de Alzheimer.



NOTÍCIA-CRIME

Após dez anos à frente de superintendências em três estados da Amazônia, Alexandre Saraiva foi parar nas manchetes dos jornais: primeiro, por liderar a operação responsável pela maior apreensão de madeira ilegal da história do país; depois, por apresentar ao STF uma notícia-crime contra o então ministro do Meio Ambiente, Ricardo Salles, acusando-o de obstruir a fiscalização. Em uma atitude insólita – porém coerente com a política de destruição ambiental do governo Jair Bolsonaro –, Salles havia questionado o trabalho policial e exigido que a carga de 226 mil m³ fosse devolvida aos madeireiros investigados. A resistência de Saraiva, que não se intimidou diante das

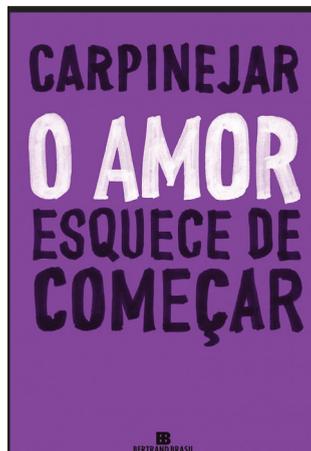
pressões políticas, resultou em sua exoneração do cargo de superintendente regional. Ele também passou a receber mais ameaças de morte e ainda hoje precisa lidar com uma implacável perseguição por meio de processos administrativos e judiciais. *Em Selva: Madeireiros, garimpeiros e corruptos na Amazônia sem lei* (Editora Intrínseca), Alexandre Saraiva relata os bastidores de sua demissão e oferece uma radiografia da extensa e longa cadeia de relações escusas que sustentam o crime ambiental no país, com suas ramificações na política, na polícia e no judiciário.



MISTÉRIO

O investigador Cláudio se depara com um objeto na cena de um suposto crime. Incapaz de descobrir seu uso, consulta o velho Oto, um policial aposentado. Os crimes em série que vêm investigando são um mistério além da compreensão da polícia. A prisão do escritor Carlos Perissé Berger parece ser a chave para desvendar crimes fatais bem planejados contra corruptos e outros bandidos. É um alívio para os agentes Cláudio e Fabrício, sempre um passo atrás dos responsáveis por essas mortes seguidas de gente influente. Ao fazer buscas na casa do escritor, o investigador Cláudio vê Clara, uma menina que adora ler sentada na janela. O encontro com a criança faz sua vida mudar para sempre. Impossível não

se envolver com o drama pessoal daquela família destruída pela irresponsabilidade de um motorista drogado. A caçada aos integrantes do grupo que secretamente julga e pune criminosos absolvidos pela justiça mantém toda a polícia e os corruptos em um clima de suspense. E tudo se complica quando as investigações começam a apontar um possível envolvimento de Lúcia, a bela namorada de Cláudio, com a instituição por trás de toda a trama. Leitura envolvente, do princípio ao fim, com um final surpreendente. *A Menina que Lia na Janela*, de Alvaro Hill Maestrini, sai sob a égide da Editora Albatroz.



NOS BRAÇOS DO AMOR

O Amor Esquece de Começar, (Bertrand Brasil) agora com nova capa, nos leva a uma viagem pelo universo feminino e passeia pela estação do amor, o sentimento que é personagem principal nos textos de Carpinejar. A cada página há uma nova descoberta, um novo amor. O amor de mãe, amor de quem tem medo de amar, amor para quem ama intensamente, amor fraterno e compartilhado entre amigos. O autor consegue caminhar entre o prazer e a melancolia, indo da euforia do primeiro beijo ao desconsolo de uma mãe que perdeu o filho. Tudo isso está envolvido pelos braços do amor. Carpinejar ondula sua escrita representando perfeitamente os papéis do homem e da mulher nos relacionamentos, mas deixando claro que a

voz principal é a feminina. A mulher não está sozinha em sua solidão inquietante aos olhos de Fabrício. Ele explora o amor de forma leve, descreve cada detalhe de sua amada com confiança, mostrando que é capaz de ter a sensibilidade de observar e estudar o sentimento alheio, sendo impossível não tomar pelo menos um dos textos como uma lição romântica. Deixando claro seu fascínio pela figura da mulher, o autor conclui que a admiração é uma das bases do amor, assim como o respeito e a cumplicidade.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o “CNC Transforma”, movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Trabalho a favor do Brasil.

Direto da Revista

Por Nelson Valente*

Arquivo Folhapress / Revista J.P



Gabriel Quadros chegou a sair no braço com o feirante José Guerreiro, numa disputa pela paternidade de gêmeos.

Antes de ser abatido a tiros, em maio de 1957, o deputado Gabriel Quadros chegou a sair no braço com o feirante José Guerreiro, numa disputa pela paternidade de gêmeos. A mãe das crianças, Francisca Flores, casada com o feirante, dizia que eles eram filhos do deputado. Por causa do escândalo, Jânio, o então governador de São Paulo, ameaçou encerrar a carreira política

Vale dizer que os dois não tinham uma relação muito amistosa. Eleitos pelo Partido Trabalhista Nacional (PTN), Jânio era mais à esquerda, enquanto Gabriel era mais à direita e, desse embate, pérolas históricas foram geradas, como o caso de “jâniofobia”, termo cunhado por Gabriel para falar do contágio dos parlamentares.

Um dos maiores embaraços que Jânio Quadros enfrentou quando estava no governo de São Paulo (1955-1959) foi o assassinato de seu pai. Médico e farmacêutico de formação, o deputado Gabriel Quadros morreu baleado pelo marido de sua amante. Em si, a situação já era delicada. Acontece que, ainda por cima, Gabriel e Jânio nunca tiveram um relacionamento tranquilo como pai e filho, e, apesar de ambos terem sido eleitos pelo Partido Trabalhista Nacional, PTN, a coisa não ia melhor na política. Militante da extrema esquerda, Jânio recebia ataques sistemáticos de Gabriel, que estava à extrema direita e chegou a usar a expressão “jâniofobia” para se referir a um “vírus” que, segundo ele, andava contaminando os parlamentares. “Já há alguns casos de contágio neste plenário”, disse o deputado, em um discurso de 1957 na Assembleia Legislativa.

A história do assassinato de Gabriel remonta à época em que o médico se elegeu vereador pelo Partido Democrata Cristão (PDC), em 1951, e tinha como cabo eleitoral o feirante José Guerreiro, dono de uma barraca de limões. Sabidamente mulherengo, o vereador traiu seu apoio iniciando um caso com a mulher dele, Francisca Flores, vulgo Nena. O triângulo ainda não havia sido desfeito quando Nena engravidou de gêmeos. Num tempo em que o exame de DNA estava longe de ser criado, as duas crianças, batizadas de Jaime e José Carlos, foram motivo de acirrada disputa entre o feirante e o ex-vereador – que agora cumpria mandato como deputado estadual pelo PTN. De temperamento notoriamente irascível, dado a escândalos, Gabriel Quadros chegou a sair no braço com José Guerreiro em plena Praça da Sé, para decidir quem era o pai dos meninos.

Só no “olhômetro”

A princípio, Nena afirmava que os filhos eram de Gabriel e, por conta disso, o deputado chegou a acomodá-la por alguns dias em seu gabinete na Assembleia Legislativa. Em seguida, ele a transferiu para sua própria residência, na avenida Rebouças. Ocorre que, apesar de manter com o deputado apenas um casamento de aparências, sua mulher oficial, Leonor, que agora morava com Jânio, não queria a amante do marido vivendo em uma casa que, afinal de contas, era sua também. Então, o deputado levou Nena para um sobrado que possuía na avenida Lins de Vasconcelos, na Vila Mariana, zona sul de São Paulo. O irônico é que, mais tarde, quando os meninos já estavam suficientemente crescidos, ficou óbvio pelo método utilizado na época, o “olhômetro”, que eles eram filhos de Guerreiro; além de tudo, não havia caso de gêmeos na família Quadros. Mas agora que tinha começado a briga, o deputado, até por uma questão de honra, levou a defesa da paternidade até o fim.

José Guerreiro também não arredou o pé. Logo foi fazer uma visita

a Nena, na Lins de Vasconcelos. Disposto a reaver os filhos, ele passou por cima da vontade da mãe deles e os levou dali para o cômodo onde morava, nos fundos de um sobrado na Mooca, zona leste de São Paulo. Ao saber do “sequestro”, Gabriel Quadros juntou cinco capangas, carregou sua arma e rumou para a Travessa Nelson Atallah, 9, onde ficava o sobrado. Foi disposto a “resgatar” Jaime e José Carlos. Era por volta de 8 horas de um sábado, dia 18 de maio de 1957, quando o deputado e três de seus homens arrombaram a porta do cômodo e avançaram na direção dos garotos. Ainda sonado, o feirante recebeu diversas pancadas, inclusive de cassetete, mas lutou contra os agressores como pôde, usando um pedaço de caibro que encontrou perto da cama. Mesmo estando em minoria, conseguiu imobilizar o rechonchudo rival e arrancar dele a arma. No meio da confusão, desatinado, José Guerreiro disparou seis vezes contra Gabriel Quadros, que caiu morto. Não satisfeito, o feirante virou a arma na direção dos capangas do deputado, que, apavorados, correram em disparada. Na fuga, levaram os gêmeos. Como estava apenas de ceroulas, Guerreiro, que tinha então 30 anos, voltou para o cômodo, vestiu-se e sumiu dali.

De penhoar, sem sapato

Em pouco tempo, a pacata travessa e as ruas adjacentes foram tomadas por uma multidão de curiosos. Para se aproximar da investigação, e saber em primeira mão detalhes do que tinha ocorrido, os vizinhos se dispunham a prestar testemunhos voluntariamente. A polícia isolou a área, barrando o acesso inclusive de jornalistas, para efetuar o exame pericial. O corpo de Gabriel Quadros foi levado para o necrotério do Hospital Santa Catarina, onde o submeteram à autópsia. O laudo assinado pelos médicos legistas César Berenguer e Mattosinho França apontou como *causa mortis* “hemorragia interna traumática”. A Secretaria de Segurança Pública determinou que a Polícia Rodoviária vigiasse as saídas de São Paulo, a fim de impedir que o carro de placas 2-99-66, usado pelos capangas de Gabriel Quadros para fugir com as crianças, deixasse a cidade. Enquanto isso, vizinhos de Nena na avenida Lins de Vasconcelos afirmaram tê-la visto saindo às pressas de casa, por volta das 9 horas do sábado – portanto depois de o crime ter sido consumado. Ela ainda estava de penhoar quando embarcou em um carro que a aguardava. Tamanha era sua pressa que, ao entrar no veículo, deixou para trás um dos sapatos. Soube-se depois que o carro no qual embarcara era o mesmo que os homens de Gabriel Quadros utilizaram para fugir com Jaime e José Carlos.

Assim que tomou conhecimento do crime, o governador Jânio Quadros encaminhou um despacho para a Secretaria de Segurança determinando a abertura imediata de uma investigação rigorosa. “O homicídio de que foi vítima o deputado Gabriel Quadros deve ser objeto de rápido inquérito, para apuração de responsabilidades. O autor (ou autores) não sofrerá qualquer coação ou violência, assegurando vossa excelência o governador, de forma absoluta, garantias e direitos da lei.” O enterro ocorreu na tarde do próprio sábado, com a presença do governador, que, segundo seus assessores, foi ao cemitério do Araçá apesar de estar com a saúde “debilitada” (uma gripe, segundo contou a J.P uma fonte próxima a Jânio na época). O presidente Juscelino Kubitschek não compareceu. Foi representado pelo presidente da Câmara dos Deputados Ulysses Guimarães. Conhecendo o pai de sobra, Jânio declarou à imprensa durante o fêretro que José Guerreiro agira em legítima defesa da honra. Embora seja comum se afirmar que foi o governador que absolveu o criminoso, Jânio apenas o perdoou – ele não tinha essa prerrogativa. O feirante foi indiciado, ficou preso preventivamente durante alguns dias, respondeu a processo e ganhou a liberdade sem ir a júri, em 1959. Para neutralizar o efeito do escândalo, o governador chegou a declarar sua carreira política encerrada – mas, ao contrário disso, em dezembro daquele mesmo ano registrou sua candidatura a deputado federal pelo PTB do Paraná, e, depois de eleito, passou a acumular os dois cargos. Os gêmeos reapareceram com a mãe, por quem foram criados. Nena se desquitou do feirante.

*Nelson Valente é professor universitário, jornalista e escritor.

Arquivo Agência O Globo / Revista J.P



Rembrandt e seu médico

José Carlos Gentili*

O holandês Rembrandt Harmenszon van Rijn, conhecido mundialmente como Rembrandt, simplesmente, foi um dos extraordinários pintores flamengos do medievo. Entre os séculos XV a XVII, a região de Flandres reuniu verdadeiros expoentes da pintura mundial, entre eles Rubens, Anthony van Dick, Jacob Jordaens. O que se pretende registrar é a figura do médico de Rembrandt – Ephraim Bueno! Ephraim Bueno, um judeu nascido em Figueira de Castelo Rodrigo, na região raiana, a limitar Espanha e Portugal, que se chamava Martim Álvares Bueno, antes do seu batismo como cristão-novo, que veio tornar-se figura proeminente na comunidade judaica no período setentista.

Durante duas décadas, foi médico da família de Rembrandt, após doutorar-se na francesa Bordeaux e veio a ser retratado por duas vezes por ele, que eram amigos e estudiosos da Medicina de Hipócrates.

Uma das pinturas, aqui está!

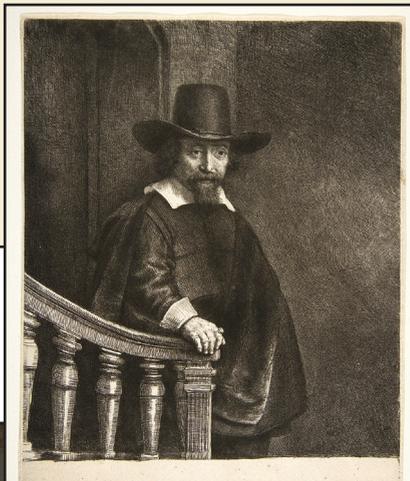
A influência de Ephraim junto ao seu amigo e dileto médico, vê-se numa famosa tela de Rembrandt, denominada *The Anatomy Lesson of Dr. Nicolaes Tulp*.

Importante, ainda, é que o Concelho da Figueira de Castelo Rodrigo transformou a casa de Martim, como é chamado, também, o ilustre médico sefardita, num monumental museu descritivo da odisseia judaica na Península Ibérica, quando os cristãos-novos foram perseguidos pela Santa Inquisição, promovida pela Igreja.

A presença judaica em Portugal, expulsa pelos Reis Isabel, de Castela e Fernando de Aragão, pelo tratado de Alhambra, em 31 de julho de 1492, monarcas que tinham como Confessor o Inquisidor Tomás de Torquemada – dominicano de Ávila.

A presença judaica no mundo e em especial na Península Ibérica foi fundamental para a história civilizacional lusitana, que recebeu gênios de todos os talentos das judiarias, a proporcionar gigantescos progressos na medicina, navegação, cultura e um despontar dos descobrimentos no mundo.

*José Carlos Gentili, membro da Academia Internacional da Cultura Portuguesa.



Quadro de Rembrandt em homenagem ao seu médico Ephraim Bueno – judeu português. (1599)



Famoso quadro de Rembrandt acerca da medicina, vez que a necropsopia era proibida.

Toda teoria tem um LADO PRÁTICO. ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



SOB A MESMA LONA

A arte do circo na
América do Sul:
trajetórias, tradições
e inovações na arena
contemporânea

Julietta Infantino [org.]

Textos de pesquisadores, gestores, críticos
e artistas da Argentina, Brasil, Chile
e Uruguai aprofundam questões
relativas aos diferentes modos de
expressão da arte circense e seu
impacto na sociedade.

